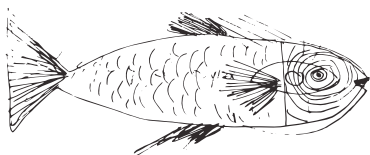
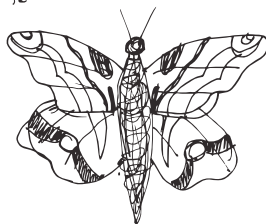


CORPO NA LINHA DE BORDA

espaço
compartilhado
de criação



Bombolito transformado, dominado
Bela - Formação

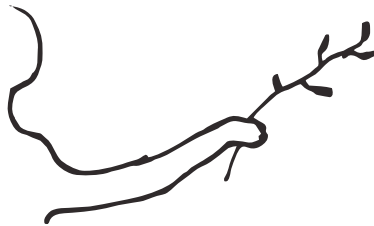


TEM AS MÃOS AFILADAS
NA ANSIA DO FAZER
INVENTO PRONTEIRAS
PARA REALIZAÇÕES





Caderno de processo:
observar, anotar,
experimentar, dese-
nhar, costurar,
bordar, pintar
escrever o que
der vontade,
ler, exultar,
movimentar o
corpo, planejar
comer e dormir



Ana Beatriz Artigas
Bernadete Amorim
Claudia Lara
Efigênia Rolim
Giovana Casagrande
Gustavo Caboco
Leila Alberti
Luan Valloto
Luciá Consalter
Marília Diaz
Rafael Codognoto
Verônica Filipak





CORP
LINH
CORP

- ESTE PROJETO SURTIU ASSIM -



Somos um grupo de artistas com interesses comuns. Nós nos encontramos para conversar sobre arte em ateliês, exposições, palestras, feiras e na paisagem de Curitiba. Somos 12 artistas e nos reunimos em torno do interesse pela arte contemporânea e pelas fronteiras expandidas que ela permite, de maneira particular à atitude de pesquisa constante que ela propõe. Entendendo que o encontro potencializa nossas ações individuais, elaboramos uma ação que combina diferentes momentos e instrumentos, no projeto: O corpo na linha de borda.

Temos no nosso histórico como grupo uma mobilidade que nos permite pertencer mais ou pertencer menos, aproximarmo-nos e afastarmo-nos. Esta flexibilidade nos permite exercitar a elasticidade e a malemolência próprias da matéria que nos aproxima e que marca, por assim dizer, a obra de todos nós.

- A PROPOSTA: O PROCESSO COMO CENTRO DO TRABALHO -

O processo é o momento em que o trabalho acontece. O processo é o trabalho enquanto acontece, é o próprio “ir acontecendo”, o gerúndio da ação; o acontecimento que cerca o trabalho, que lhe serve de ambiente, de espaço, e que o marca de maneira definitiva e indelével. Percebemos que os fatores individuais se alteram na medida em que, pela proximidade, nos contaminamos – um do fazer do outro, o outro do pensamento de um, da forma de vermos uns aos outros, do entendimento, dos entendimentos, das expressões, dos desejos, e mais: das expressões dos desejos.

Percebemos, ainda, que na austeridade do momento do mundo que nos toca a necessidade do encontro, a potência própria do coletivo impõem-se sobre as iniciativas individuais, restaurando ânimos, acrescentando ações coletivas às capacidades reflexivas e realizadoras que caracterizam os trabalhos em grupos. Entendemos que nosso fazer em conjunto, a despeito de todas as nossas produções individuais, devia estar no centro dos nossos encontros.



- PORQUE O PROCESSO É CENTRAL? -

O encontro é nossa condição ancestral. Antes de sermos divididos, divididos e novamente divididos em indivíduos anódinos, cada qual vivendo em seu pequeno apartamento, estabelecendo com a vida relações mais de consumidor do que como ente, fazíamos parte de coletivos, de clãs, de vizinhanças, de entornos. Como integrantes de grupos sociais, participávamos mais ativamente da vida e da construção coletiva do bem-estar social.

A partilha era maior, o conforto mais orgânico, as tarefas da vida mais leves, porque mais partilhadas. Se assumirmos que o processo em arte é o momento do acontecimento, centro da realização, caracterizado pela potência, percebemos em diferentes tempos da história da arte a aproximação como estratégia de vivificação, de melhoria das condições de vida, de partilha. Revisamos experiências da arte e pela via histórica compreendemos a importância do encontro.

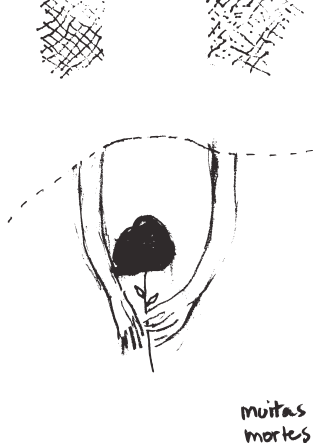
O reconhecimento de que tudo na vida é processual e o dar-se conta de que ainda dentro da arte pode-se não manter uma atitude linear, focada apenas no resultado final, levou-nos a propor a nós mesmos a presente vivência que pretende expandir entendimentos e eventuais limites. Cecília Almeida Salles nos fala sobre a não linearidade no processo: “O percurso criador mostra-se como um itinerário não linear de tentativas de obras, sob o comando de um projeto de natureza estética e ética, também inserido na cadeia da continuidade e sempre inacabado. É a criação em que reinam conflitos e apaziguamentos. Um jogo permanente de estabilidade e instabilidade, altamente tensivo” (2011)

Reconhecemos que o trabalho de um artista, tanto quanto o trabalho de qualquer outro profissional, tem a ver com a própria vida que se vive. No caso do artista, porém, as implicações subjetivas vinculam de maneira indelével: toda a vida do autor, seu meio social, seu entorno, seu cotidiano, sua geografia, casa, cidade, país, sua própria produção.

Decidimos nos observar. Primeiro individualmente e com um caderno à mão, de maneira que pudéssemos tomar nota do que víamos em nosso próprio viver. Depois, partilhando coletivamente as experiências individuais. O conjunto da proposta é, portanto, uma somatória de ações individuais, partilhadas e debatidas em conjunto para em seguida, numa ação radical do projeto, sermos todos convidados a reunir nossos processos individuais no espaço coletivo da exposição, onde trabalhamos juntos – cada um no seu trabalho, porém dividindo o espaço, admitindo a contaminação, os observadores, os curiosos, os tropeços; enfim, tudo o que pode fugir ao controle da segurança dos ateliês individuais.



CORPO NA LINHA DE BORDA



1 ano de confinamento

sinto na pele
pipecas e mais pipecas
maços alérgicos
maços de tabalhador
maços que apagam
pele sohurada
pele saturada
pele

- A PROPOSTA CURATORIAL: COMO MOSTRAMOS O QUE FAZEMOS ENQUANTO FAZEMOS -

A proposta, não muito usual, é produzir obras dentro do espaço expositivo e vivenciar a experimentação artística em convivência com os outros artistas e com o público. Iniciamos a preparação para este momento que guarda algo de radical, de inédito e de surpreendente, através de encontros sistemáticos, porém orgânicos, durante um longo período. Também adotamos uma metodologia comum entre artistas: o caderno de artista, alfarrábios de notas individuais que, desta vez, são de alguma forma orquestrados num sistema de comunicação e trocas que combinamos entre nós. Estamos e estaremos em exercício de observação, pesquisa, ação e trocas.

Vivemos um momento tão intenso de reformulação: repensar, reavaliar, reimaginar, refletir sobre o que tem funcionado e o que não. Acreditamos que os processos na arte, bem como em outras áreas, proporcionam novos e positivos fluxos à evolução humana.

Conforme afirma Daniela Labra, em vídeo para o Prêmio PIPA: “Fazer arte hoje é pensar em alternativas criativas para viver o mundo contemporâneo”. Com essa frase, a teórica reafirma algo que parece claro: o mundo da arte não está dissociado do mundo real e sim funciona através dele. Desse modo, o que acontece na arte não só surge a partir do mundo, como se distende no mundo, constrói o mundo. Desse modo, os sujeitos são capturados revendo as relações implicadas em atividades coletivas cotidianas. Não é à toa que Labra, em Coletivos Artísticos como Capital Social (2009), aponta que “o trabalho solidário ou cooperativo já se confirma como um modelo que pode nos conduzir, num futuro incerto, a uma sociedade algo mais justa”. Esses tipos de atividade colaborativa reforçam a confiança, a cooperação e a solidariedade.

Indispensável lembrar que já com nosso processo em andamento, aprovado como projeto pela Fundação Cultural de Curitiba, com encontros e andamentos sistematizados, fomos pegos sem aviso prévio pela pandemia mundial de Covid-19, que transformou não só toda a mecânica do mundo, mas



também a vida de cada um de seus habitantes. Marcou também, de forma indelével, o processo de cada um de nós e do grupo, modificando a experiência que havíamos proposto.

Esta experiência, que pretendia discutir alternativas para limitações do mercado estabelecido para as artes – propondo a busca por novos campos de relação entre a arte e seu público e discutindo a possibilidade de se atuar como incubadora de iniciativas estéticas e reflexões sobre a arte contemporânea, como também promover a oxigenação ou uma nova injeção de ânimo, nas artes, saberes e fazeres tradicionais – tornou-se ainda mais ampla.

Em face das restrições de convivência humana, impostas pela pandemia, com suas ainda incontáveis consequências (talvez para sempre incontáveis), o processo, que centralizava nossa proposta expositiva, ganha ainda maior relevância. Passa a ser o “enquanto” nestes tempos estranhos, em que o tempo ficou suspenso, em que precisamos, por falta de conviver com os outros, buscar profundidade e abrangência na convivência com nós próprios.

Necessariamente, o trabalho que praticamos e mostramos nesta experiência carrega em si, e consigo, a marca deste tempo e desta estranha experiência.

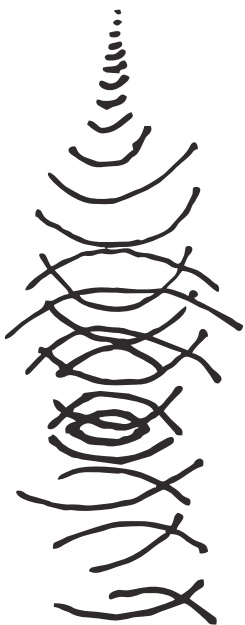
- COMO MOSTRAR ENQUANTO FAZEMOS, TRANSFORMA O RESULTADO E NOS TRANSFORMA AO MESMO TEMPO? -

Tempos tão particulares como este em que vivemos exigem que busquemos na memória experiências, conhecimentos e saberes que nos apontem possibilidades de futuro. Um olhar para trás para podermos lançar adiante olhares e atitudes. Antes mesmo da pandemia, quando elaboramos esta proposta, sentíamos a necessidade de apontar para a rica fonte de respostas que é o coletivo. Já buscávamos então, na história da arte, momentos que pudessem orientar a trajetória do grupo.

A trajetória da arte é marcada, em vários instantes, pela potência do encontro – o frequente conagração ao se mostrarem resultados nas antológicas "vernissages", os estudos coletivos e as conversas nos cafés que tanto nutriram as discussões e as evoluções dentro dos movimentos artísticos.

Certas épocas, porém, são marcadas por vivências tão intensas que contribuem tornando-se marcos transformadores na maneira como costumeiramente as coisas foram e são feitas. Um destes momentos foi o encontro do curador Harald Szeemann com o artista Joseph Beuys e outros, no contexto da Documenta de Kassel de 1972. Nesta mostra, Harald atuava como diretor artístico e seu gênio inclusivo, somado ao apaixonado trabalho de Beuys, mostrou a potência que tem o encontro possibilitado pela arte – para todos, artistas e não artistas. Szeemann viria a ser conhecido por dar forma tangível ao advento da arte como processo. Inúmeras portas abriram-se no mundo a partir desta e de similares experiências. Pareceu-nos uma referência adequada para o momento, uma vez que estamos, de fato, mobilizados pelo nosso fazer, muito mais do que pelos resultados que construímos. Encontramos no “enquanto” um momento precioso.

Harald Szeemann propôs aos artistas, na exposição Quando as Atitudes Tomam Forma, um desafio a ser executado: o de que a importância da exposição não estava tanto nas obras expostas, mas mais nas “atitudes” decorrentes do processo criativo. Gesto e comportamento unidos sob uma mesma ação. O lema era “tomem conta da instituição” (Szeemann in Birnbaum, 2005).



o que resta
resiste
presença
operar
dos intérpretes

- CORPO: POR QUE O CORPO? -

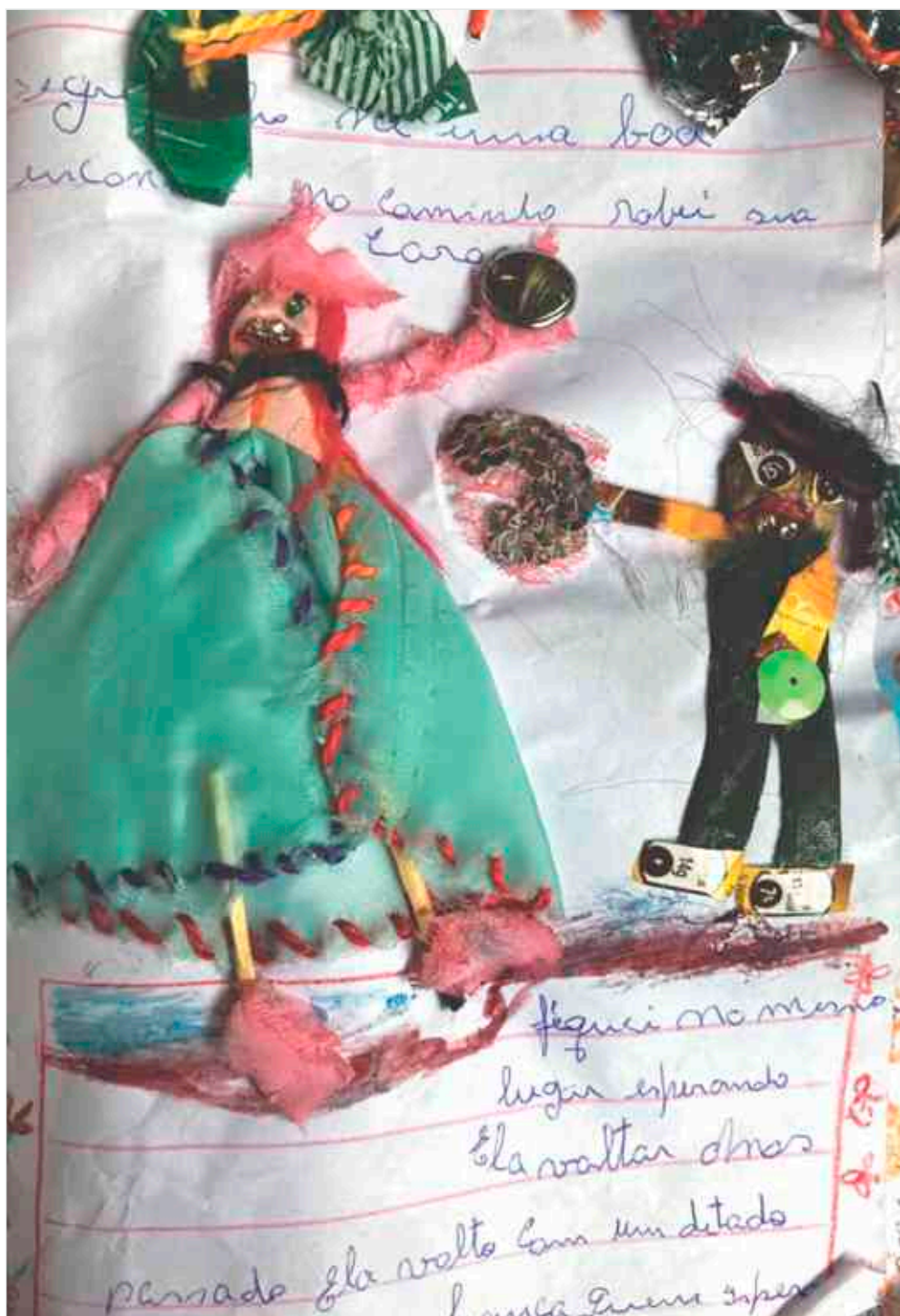
O corpo determina as vivências que a alma inventa. Determina formas, tamanhos, proporções, lógicas. O corpo é nosso veículo de comunicação com o mundo, com o cosmos, com os nossos iguais e com nossos diferentes.

Novamente, demarcados pelo momento presente, se pensarmos o contexto em que trabalhamos e decidimos por tornar central o processo, torna-se imperativo, também, pensarmos sobre o corpo, que vivencia e proporciona a vivência do dito processo.

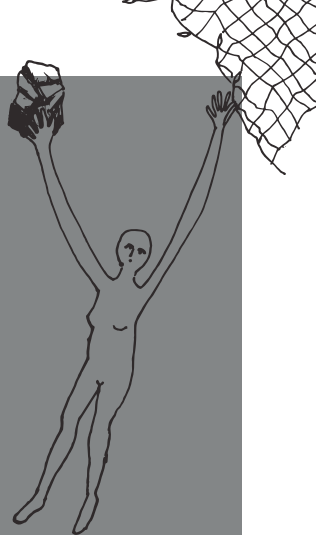
As determinantes características intransferíveis do corpo, de presença e materialidade, que vêm impor questões outras – como a ausência, constituindo assim algo objetivo e ao mesmo tempo subjetivo – ampliam-se em uma miríade de entendimentos. Se o corpo é nosso instrumento, será também, pelo menos desta vez, nosso assunto. Olharemos para ele. Olharemos para nossos corpos e outros – e além. O corpo presente e o que já não está.

Corpos objetivos, corpos subjetivos. Temos clara essa compreensão. Merleau-Ponty refere-se à consciência como sendo, sempre, consciência de algo, consciência perceptiva (1945): “A percepção está sempre envolvida com a atitude corporal”. Através da dinâmica da percepção, definimos um modo de agir dado através de significação motora que se forma a partir de nossas vivências; criamos um esquema corporal. Aponta assim, a importância da nossa experiência como sujeitos encarnados; o corpo como *modus operandi* no mundo.

O corpo nas expressões artísticas e nos espaços fronteiriços é experienciado e contaminado pela ação/presença do outro e de variados materiais que criam novas narrativas: a vestimenta, a máscara, a tatuagem, o enfeite, são operações pelas quais o corpo é arrancado do seu espaço próprio e projetado em outro espaço. E quando se pensa que os têxteis neste corpo fazem o indivíduo entrar no espaço definido ou na rede invisível da sociedade, então se vê que tudo quanto toca o corpo – desenhos, cores, colares, vestimentas – faz alcançar, ou pelo menos altera, seu pleno desenvolvimento, sob uma forma sensível e as utopias nele seladas.



*o espaço é o próprio
corpo que se desloca.*



- A LINHA: QUE LINHA É ESSA? -

Será um material? Um limite? Uma demarcação? Um guia? Uma expressão? Uma memória? Um lembrete? Um registro casual? Ou nem tão casual assim? Um gesto espontâneo e quanto incontido? Ou mesmo, que não se pode conter – como impulso expressivo, como a mão de criança com uma caneta, um lápis, um giz ou um caco de telha? Um pauzinho na areia? Uma linha, um dizer mínimo, símbolo sintético, somatória de pontos?

A linha é um material que, no contexto do têxtil, vem da experiência ancestral, feminina, presente em todo o mundo, não que, na busca de cuidado e conforto, submete matérias diversas – pelos de animais e fibras vegetais – a formas longas que possam, inicialmente, ser embaraçadas, emaranhadas, trançadas e, logo, enoveladas, distendidas, tecidas, entretecidas – fios, cordões, cadarços, tecidos, panos, vestes.

A linha dentro do repertório têxtil está, dessa forma, constantemente referenciando o feminino em seu caráter histórico, o discorrer do tempo, a intenção construtiva e a pertinência estética.

- E A BORDA? É SUBSTANTIVO OU É VERBO? -

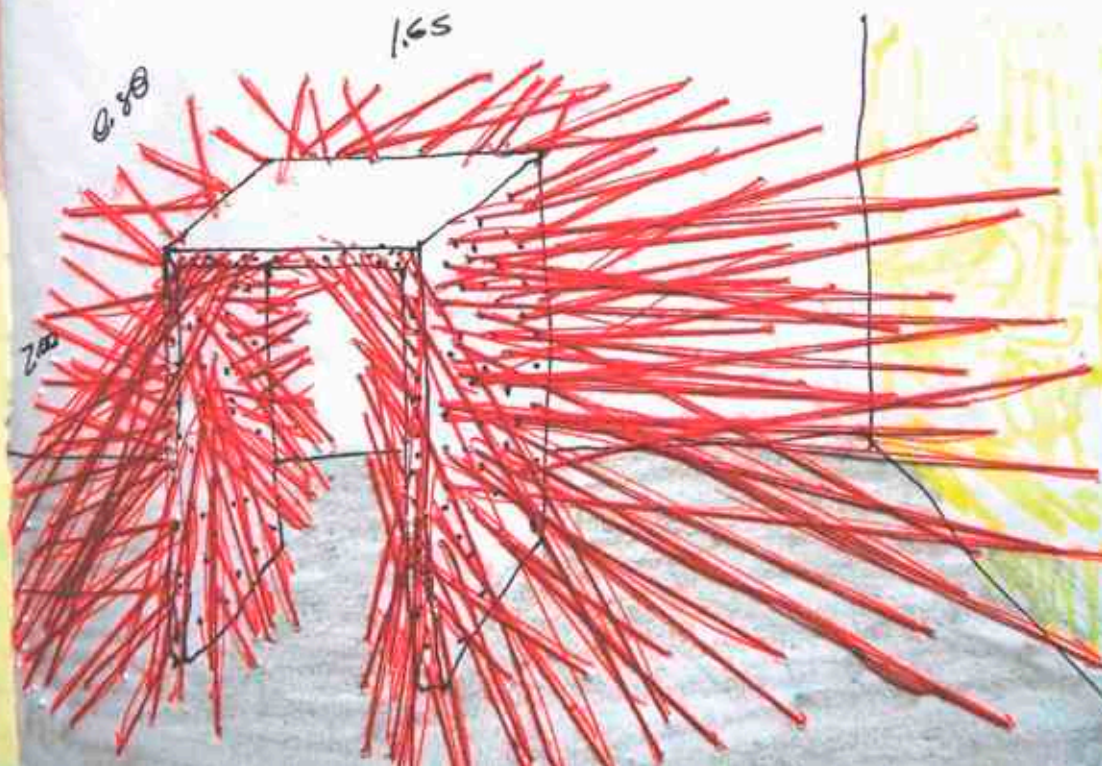
Se a borda for substantivo, estaremos falando do limite, da periferia, do lado de fora de um espaço determinado. Se assumirmos que é um verbo, tudo muda: passamos a falar de uma riqueza de excessos estéticos, de decoração, de tempo, de enfeite, do que não é fundamental, do que foge do essencial e incorpora a elevação.

Se a borda, transponível, intransponível, é um limite ao qual estamos sujeitos, sempre como característica fundamental de sermos humanos, o bordar é a expressão do que transborda justamente. Do que não cabe, do que precisa ser mais, não se limitando a aquecer, abrigar ou cobrir. Bordar fala de referenciar, de enfeitar, de citar, narrar, de ir além, de um humano que não fica apenas no que é necessário, mas que se dirige para o que o distingue, identifica, embeleza, beatifica.

... e disposição

Batal com ganchos

- Amarra um fio e leva até um ponto da sala expositiva, de forma que não ature outra obra e espaço e ponta do fio prende c/ fita colante.



- 2020: O ANO EM QUE VIVENCIAMOS OS LIMITES IMPOSTOS AO CORPO -

Há quase três anos nos reunimos para encontros e conversas sobre artistas e movimentos da arte e sobre a arte de nós próprios. Visitas aos nossos próprios ateliês oportunizaram-nos protagonizar nosso trabalho para nossos pares e nos incentivou à ação conjunta, que desse conta de produzir vitalidade e recheiar nossos processos de profundidade.

Decididos a trabalhar sobre o corpo como temática de investigação. Em meio ao processo, fomos surpreendidos pela pandemia do Coronavírus, que veio justamente a impactar fortemente a sociedade a partir do corpo. Passamos a ter limites onde antes não tínhamos... Respirar perto do outro tornou-se um problema, passou a separar a saúde da possibilidade de doença.

Fomos todos lançados num espaço comum de limites estritos; nossas fronteiras delimitadas pela invisibilidade de um vírus; a limitação de interação restringiu nossos encontros e interferiu indelevelmente em nossos entendimentos e percepções da vida e do mundo, e, naturalmente, impactou também a proposta de termos assumido, anteriormente, justamente o corpo como objeto de estudos.

Desta forma, é imperativo declarar: este trabalho que se produziu a partir de fevereiro de 2020, o ano em que ficamos sujeitos a limites tão estreitos, assumiu características radicalizadas, exigindo-nos expandir limites de formas tantas que precisamos ainda reconhecer quais e quão amplas têm sido. Nossos encontros presenciais foram substituídos por encontros *on-line*. Além das comunicações multidirecionais individuais, realizamos ao longo do ano de 2020 onze encontros, alguns com artistas convidados, que vieram falar sobre seus processos de criação.

Talvez este projeto tenha nos ajudado a vivenciar e a sobreviver a este período, favorecendo o experimento. Mais uma vez, reitera-se o valor do processo no desenvolvimento e na expressão do entendimento.

A proposição inicial, prevista no roteiro organizado em 2019, contemplava encontros entre os artistas integrantes do grupo, envolvendo estudos e dinâmicas em torno do corpo, nosso maior interesse. A partir de março de 2020, o projeto sofreu as restrições impostas pela pandemia do Coronavírus e todas as dinâmicas propostas precisaram ser revistas. Os encontros físicos foram substituídos pelos virtuais. Não tínhamos, no momento, espaços para o movimento de nossos corpos, mas tínhamos telas e um certo estranhamento com o novo, porém, mais tempo e disposição para experimentar as novas soluções disponíveis. Criamos sistemáticas para adaptar às intenções e expectativas elaboradas no projeto. Todos pudemos apresentar, virtualmente, nossas experimentações e percursos, as pesquisas realizadas, as observações sobre nós próprios, os acasos e os diálogos realizados e surgidos com nossas obras. Foram belos diálogos e ações!

Mantivemos o canal de comunicação entre cada um de nós, integrantes e a coordenação do grupo, substituindo encontros individuais por conversas virtuais. Cada artista vivenciou e sentiu o momento de isolamento de maneira diferente.



nuvens fazem o sono consumem o tempo

Alguns deixaram suas experiências explícitas em anotações no caderno e em depoimentos, outros foram mais introspectivos e silenciosos. A emocionante narrativa, em áudio, do confinamento de Marília Diaz representou a essência dos primeiros 60 dias. E, na metade do ano, veio a apresentação das imagens dos cadernos dos artistas: a organicidade instigante de Bernadete Amorim, Rafael Codognoto, Giovana Casagrande, Efigênia Rolim; o fio de reverência à ancestralidade em Claudia Lara, Leila Alberti e Gustavo Caboco; as minúcias do feminino em Luciá Consalter e Marília Diaz; as vestimentas estandartes de Luan Valloto, a corporificação dos sentidos em Verônica Filipak e Ana Artigas.

A própria presença, ou não, do artista na interação midiática se torna questionamento, fomentado pela marcante ação performática de Gustavo, que, ao retirar-se do grupo por um período, chamou nossa atenção para a não presença do indivíduo indígena em nossa sociedade - ação que provocou uma certa inquietação e, conforme alguns manifestaram, uma sensação de culpa secular, bem como o reconhecimento da força existencial indígena e alegria experimentada em seu retorno.

Houve um consenso, do grupo, em manter uma alimentação permanente, por meio de textos, de referências em vídeos e imagens, sobre processos criativos de todos os artistas: observação, constante, de corpos em movimento na dança, teatro, performances e na produção artística com a matéria têxtil. Marília e Bernadete nos envolveram com suas falas sobre o corpo na arte contemporânea. Não nos foi possível o toque físico, mas conseguimos realizar trocas de saberes que romperam as fronteiras da tela – inclusive ao final de 2020, tendo realizado o exercício do Caderno de Processo, encaramos o desafio da obra coletiva para a vitrine no MuMA: separados, porém juntos, na execução da casa/corpo.

Respeitamos ainda a intenção, descrita no projeto, de aproximarmos outros artistas e processos com a realização de lives com convidados, o que além do grupo de artistas, atraiu outros interessados nos assuntos propostos. Estes encontros foram focados na observação dos processos criativos de outros artistas. Celaine Refosco e Lisa Simpsons/Agente Costura contribuíram com nosso debate neste novo formato. Com a impossibilidade de realizar a exposição em maio de 2021, transferida para novembro, continuamos nos encontrando virtualmente e recebendo convidados para nos contarem sobre seus processos criativos: Tânia Bloomfield, Eduardo Amato, Lucia Guerra, Sonia Vasconcellos, Eliana Brasil, Leila Pugnaloni e André Visinoni.

Fizemos leituras de poesias, textos e relatos de um período de corpos em isolamento. Bordamos palavras perceptivas em retalhos e vibramos, apesar de distantes, na alegria de corpos vivos.

Entendemos que quando estamos assistindo a uma *live*, estamos ali compartilhando aqueles minutos de nossas vidas. Estamos, portanto, juntos, embora não estejamos próximos fisicamente. Se alguém está falando e surge um gato no espaço, nos envolvemos com a cena juntos. Se alguém está explicando algo e a câmera cai, nós caímos também. Se alguém tem uma crise de riso no meio da *live*, o riso toma conta de todos.

**- O
PROCESSO
DE CADA
UM
É ASSIM-**

RETORNO



À TERRA



-ANA ARTIGAS-

Presença, ausência. Estou aqui mas não me concentro.

Inquietação. Limpar, trabalhar. Reinventar o que estava estabelecido enquanto a ansiedade toma conta do resto.

Estudar, aprender, incitar.

Fazer.

Meio do caminho. Sem início e nem arremate. Não estou crua. Construo, desmancho e refaço com o que existe muito antes de mim.

Encontro. Ouvir, trocar, falar.

O outro através da tela. Meses convivendo à distância, cada um na sua ao mesmo tempo em que habitamos o mesmo lugar.

O outro através da notícia. Continuar enquanto o outro morre. Luto. O espaço, a família, a casa vazia.

Retomar.

Recontar, reescrever, refazer. Corpos, histórias e memórias.

A minha casa não é mais a mesma, eu também não.

Enchi e esvaziei. Os pulmões, a cabeça e a máquina de lavar roupa.

Contínuo, não descansa enquanto dorme. Pequenos impulsos diários.

Seguir.

Fio, linha, pano, alfinete. Emaranhados de conexões e atravessamentos. A costura permeia o lugar. O meu, da minha mãe, da minha avó. Do outro também.

As inutilidades e os erros, novas possibilidades. O mau acabamento é minha escolha não caprichosa. A linha cortada é resto, matéria e tempo. O que resta, resiste.

O que sobrou?

Camada, memória e pele. Espessura, fissura. Apagar o que veio antes não faz com que deixe de existir. O remendo e o tempo deixam cicatriz.

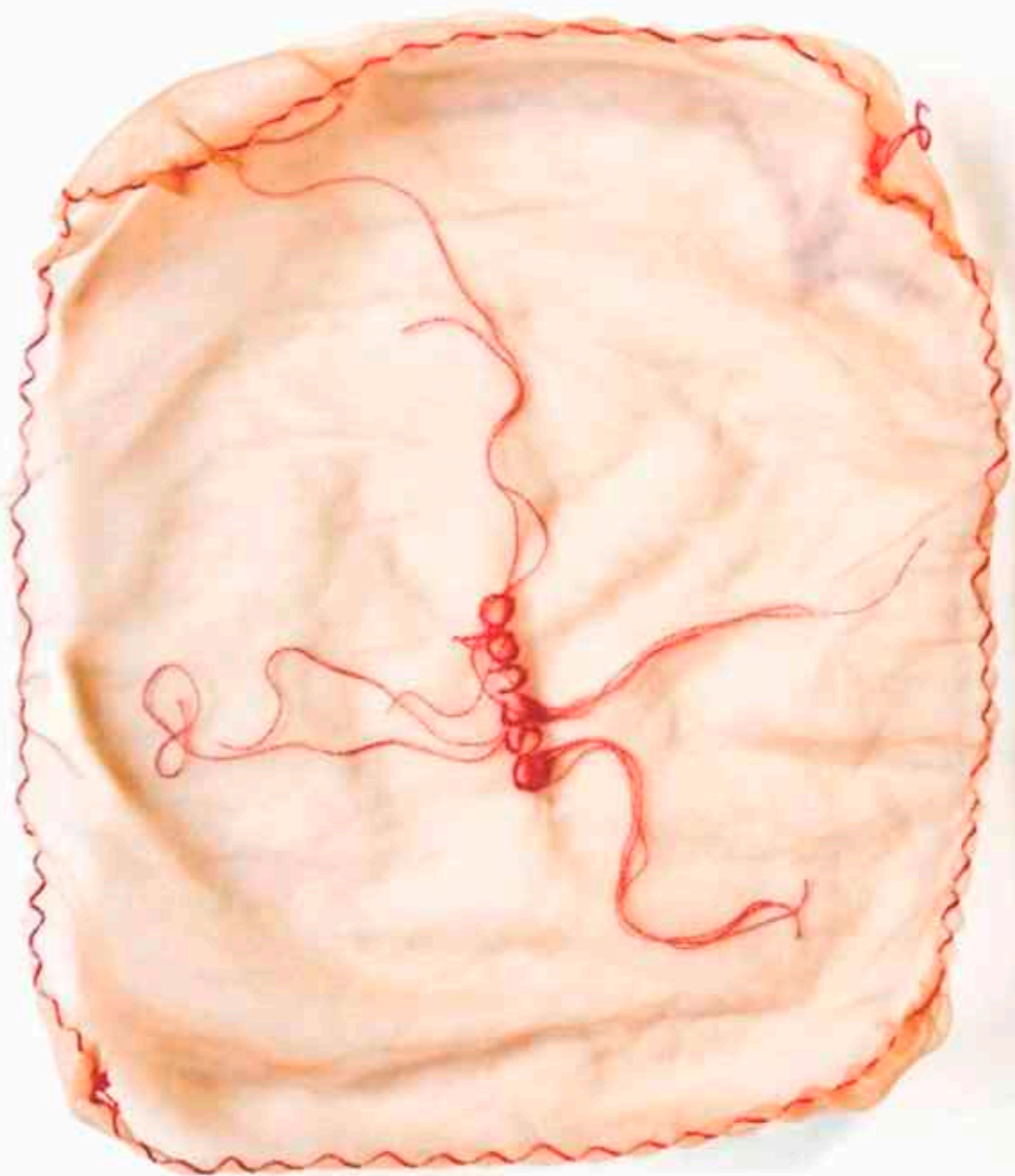
A camada muda. A memória falha. A pele protege.

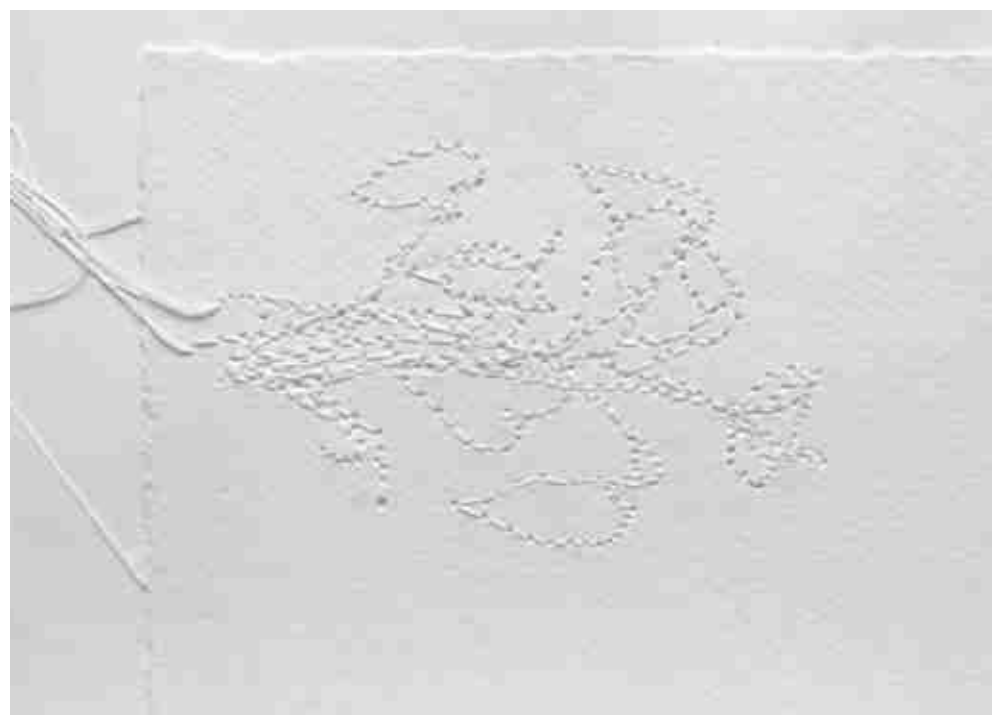
Rastros, vestígios, marcas. Matéria consumida. O fio não está ali.

Sobreposição, acúmulo. A costura não seguiu em linha reta; foi e voltou, contornou ela mesma.

O fazer requer minha presença, o que segue é impensado.

(Dezembro, 2020)





Resistant 200+ Co



2002 012516 sup o

1 sup o

O desenvolvimento do meu processo criativo nem sempre envolveu o uso de caderno específico com desenhos, anotações e esboços dos projetos.

Acredito que o trabalho artístico nasce da necessidade de traduzir pensamentos e emoções em visualidades. Os materiais, aliados a determinadas técnicas artísticas, permitem a concretude de tais pulsões. E é também nessa escolha singular – formas, cores, texturas e os meios usados – que se revelam proximidades entre o mundo externo e o imaginado.

A manipulação de determinadas matérias impulsiona a criação e é nessa direção que a forma se realiza – em contato direto, próximo e íntimo com os materiais.

Desse modo, até agora, o processo criativo tem-se particularizado a cada trabalho. Algumas vezes desenho, outras anoto e escrevo sobre o assunto da pesquisa, o que vem a clarear pontos ainda obscuros do sopro inicial, abrindo novas possibilidades e direções. Na maioria das vezes, porém, são apenas rabiscos e desenhos instintivos, em papéis soltos, como lembretes, anotações, que assegurem a memória, o frescor da ideia, garantindo a origem do pensamento visual, mas sem a pretensão de organizar algo sistemático ou fixo.

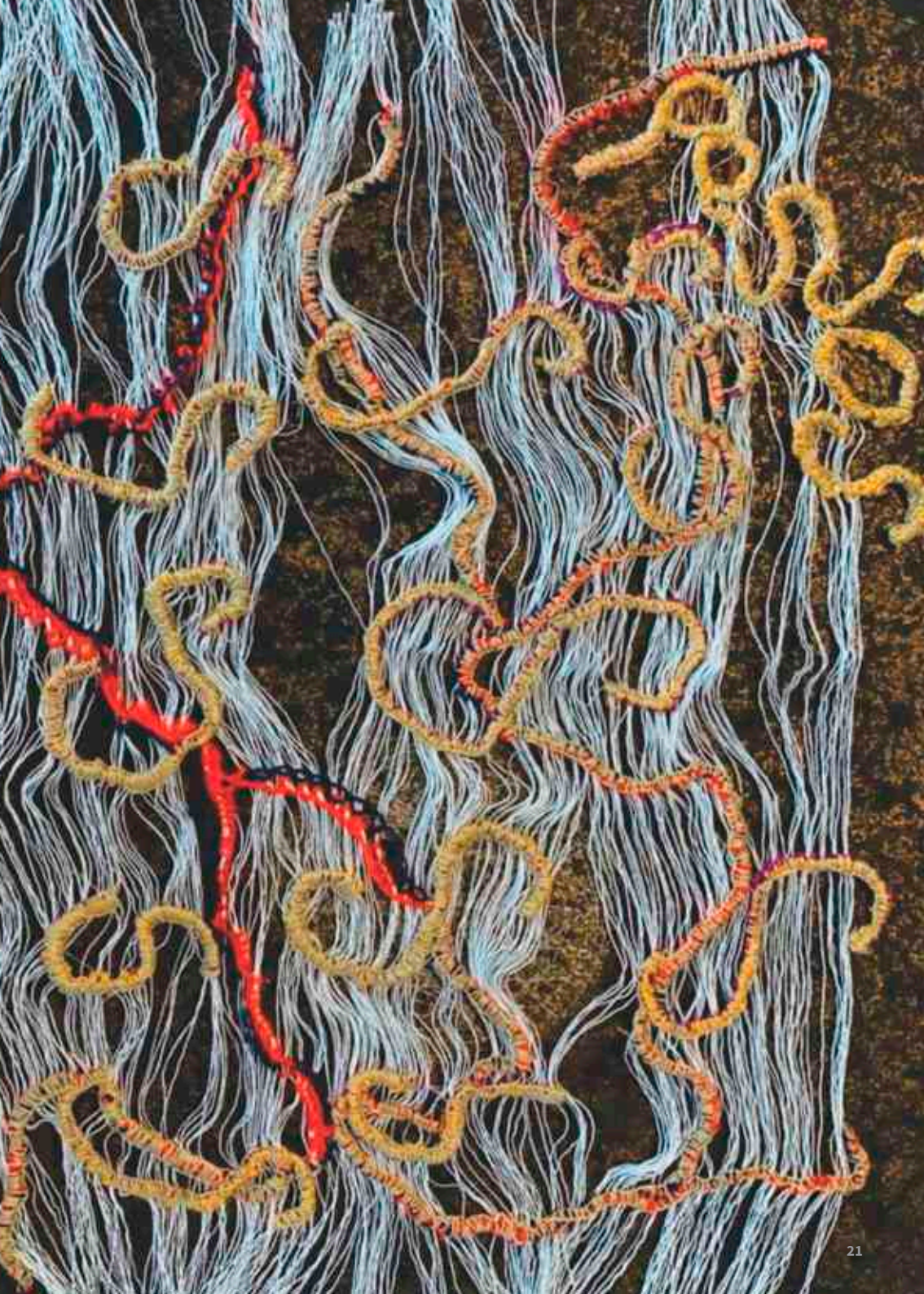
Por essa razão, o convite em 2018 para participar do projeto O Corpo na Linha de Borda, com a proposta de criar um Caderno de Artista, como registro do processo artístico, pareceu-me muito desafiador. Mas duas questões importantes me interessaram na proposta: o corpo e a linha, ou seja, matéria poética e matéria têxtil.

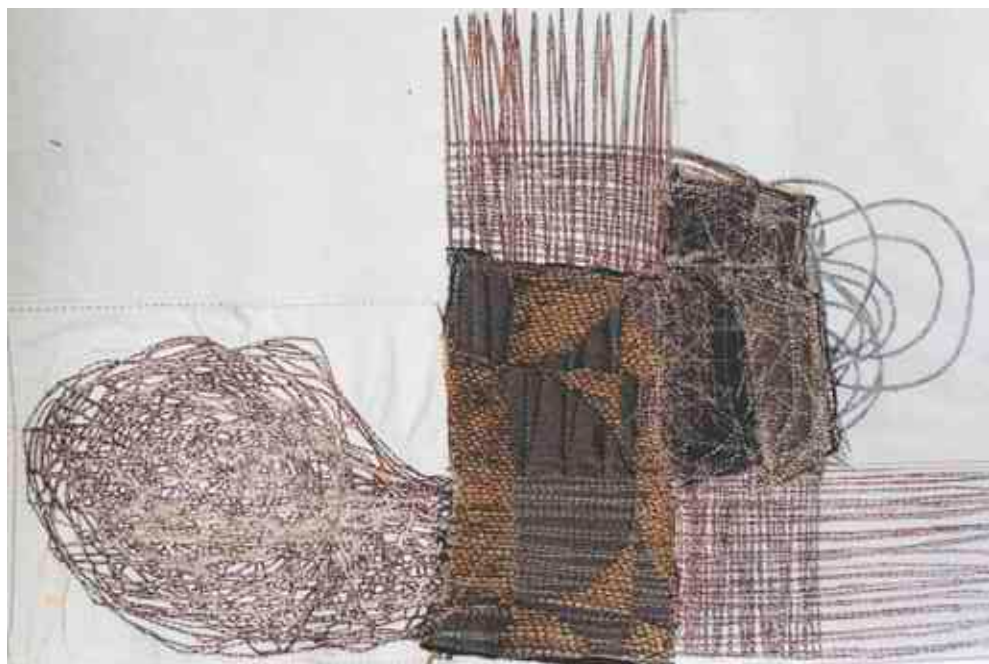
Assim, no início de 2019 comecei a mapear as lojas de roupas, de moda, de noivas, boutiques, brechós, armarinhos, vendas de tecidos, serviços de costura e reforma, entre outros estabelecimentos afins da região do Portão, num trajeto partindo do meu ateliê (Rua Vital Brasil, 115) até o MuMA (Museu Municipal de Arte), local escolhido para serem realizadas tanto uma convivência de dez dias com os demais artistas do grupo como a exposição dos trabalhos. Esse mapeamento têxtil abriu um canal de complexidade entre corpos, cores, formas e geografias, num trânsito de ir e vir desses lugares.

Estou no impulso de fazer e criar. Mas preciso encontrar o que me comove, o que acontece sem quebrar o fio das ideias. Ou deixarei-me levar pelo surgimento de outros caminhos? Agora é um trabalho de perguntas e respostas – e preciso ser surpreendida. O que fazer para unir as partes, usar os elementos e formas e ativar a imaginação? Qual o conteúdo filosófico e crítico que estaria no fluxo desses pensamentos para a construção das emoções? Estou numa gestação. Sem saber aonde vou chegar.



**-BERNADETE
AMORIM-**



[illegible]

El palacio del Sultán en el barrio de la
Guajayana perteneció que, más de otra cosa
el mismo en el centro monumental de los
edificios formados.

tudo processo é potencializado por um re-
sponsabilização de surgimento e realização em
tudo concomitante.

P. M. H. Chan et al.

Zeit: Anfang September 1964

que supõe descomparto para o campo?

de concert com de decoració realitzada, una
jota que calia destacar i també com una exp
Houssan, entrena i imaginativa i que arrib
com una gran de atorgar, a encalls de pas
Xepit i altres que va passar a realitzar
de una altra

• Que diferença há entre as duas?

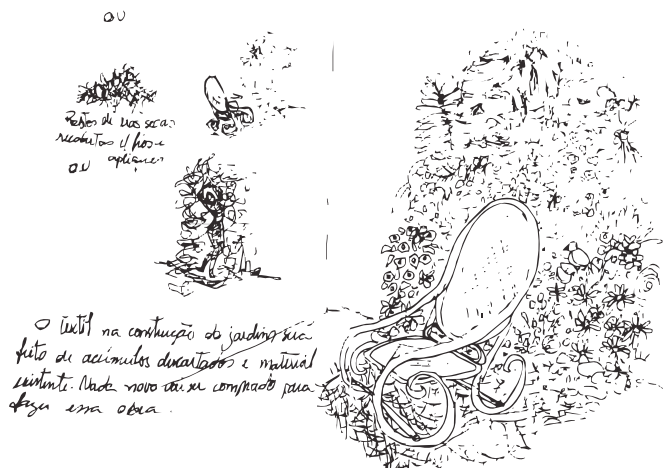
2. *Quasi-stationary distributions* (see [10]).

qual o caso que se diga: «isto é»?

a) oltre rezultatul de un punctaj de la interval
optimal, care poate fi materializat
si este o posibilitate de formare
sau transformare din stadii inferioare



-CLAUDIA LARA-



A Arte Salva. Essa verdade ficou evidente em tempos de pandemia e confinamento. Esse projeto coincidiu com o momento de distanciamento das pessoas das quais gostamos e dos locais que compartilhávamos. E o Caderno de Processo tornou-se um dos alimentos do dia.

As discussões acerca do racismo também estão presentes nessa pandemia. A reflexão sobre o corpo negro passou a fazer parte da nossa obra e da nossa vida. Algo que estava na memória ancestral tornou-se discussão em *lives* sobre inclusão dos artistas negros em acervos de museus: quem são os curadores, diretores de museus, professores de arte negros? Quem são os escritores, filósofos, criadores, pensadores negros? Somaram-se às anotações do caderno informações sobre cursos e leituras, os artistas negros que trabalham com as questões de decolonialidade, feminismo negro, arte contemporânea na África e os artistas da diáspora e afrovisualismos. Uma história que deve ser recontada.

Assim, como uma griote, escrevi um conto com essas questões. E o têxtil costurando as linhas. Em um jardim vamos nos sentar, descalças, em um calorzinho gostoso.

Sentadas em cadeiras estão minhas três avós: Gérbera, Physalis e Suculentas.

Gérbera me faz tranças no cabelo. “Pra que alisar ou cortar? Vamos fazer um desenho bem bonito nesse trançado, como um caminho florido!”

Physalis bordava um tecido com histórias da família através de palavras e formas que remetiam à natureza. Que trabalham usar tantas cores!

A avó branca, Suculentas, faz crochê com meias de nylon velhas, revezando com um tapete de crochê de tiras de pacotes de leite. Gosto mais do crochê com as cores de pele das meias transparentes. Hoje ela estava mais quieta – com certeza conversando com os espíritos.

Minhas irmãs voltavam com quitutes que as avós tinham preparado para a nossa tarde. Já sentavam também na grama para ouvir quais seriam as histórias do dia.

As avós pretas, Gérbera e Physalis, estavam mais falantes, como se uma falasse e a outra lembrasse mais um ponto. Histórias dos seus: parentes, casas, quintais, viagens... Tudo mesclado com mistérios, simpatias, moral e saudade.

Mulheres que sabem equilibrar força, talento, beleza, sabedoria e afeto.



Quando era engraçado, Suculentas saía do silêncio para dar sua risadinha. E chorávamos juntas com as histórias de injustiça e medo. Essas não dão saudade. Essas têm todo dia. E que bom que além de chorar estamos aqui a conversar! Porque medo ainda temos e a gente não quer mais isso nas histórias dos filhos, netos e bisnetos.

Mas como jardim não é lugar só de flores e mulheres, a avó das tranças olhou para o lado e disse “Espia, espia!”. Estavam chegando os avôs, pais, primos, tios, irmãos, filhos, maridos, cunhados, sogros, sobrinhos e netos. Mais as mães, tias, primas, madrastras, madrinhas, sogras, cunhadas, meias-irmãs, filhas, netas e sobrinhas. Estavam exaustos! Havia terminado a tarefa de instalar uma cerca de crochê em toda a volta da casa, com motivos em homenagem às vovozinhas. As gérberas vermelhas, amarelas e cor-de-rosa. Os physalis com seu fruto alaranjado no saquinho rendado. E as suculentas nos mais variados tons de verde. Deu trabalho, mas ficou deslumbrante!

E teve muito abraço! Não tinha mais como ninguém ficar quieto. A avó do bordado disse: “Queria um retalhinho da roupa de cada um de vocês. Aí ia ficar bem lindo meu tecido!”

Será que cada um deu seu pedacinho? Com certeza!

E quando foi isso?

Não tem isso de foi! É, foi, está sendo e será, que nem lorubá!

Claudia Lara, dezembro de 2020.

- Curadores dizem que o Textil
as barricas e o público queria algo
que os envolva mais que as telas.

- A luta em comum de colocar a
Arte Textil nas Barricas além de
Barricas físicas

- Vitaminas T - catálogo
surgiu interesse de curadores, entre
138 artistas, só 4 eram Textis
Então este catálogo vem mostrar o q
é arte textil.

- Menos valor porque é artesanato
Porque são feitas por mulheres? Por
é anti popular? Isso tem que mudar

Processo - Petragon



religiosa
mas

leia de canto

anchos diatamente na parede

-2 m-



20 células
lis sede



Criador

-EFIGÊNIA RAMOS ROLIM-

Eu senti que é para eu olhar mais para o meu corpo, cuidar mais da minha saúde. Mas cuidar da saúde é o trabalho que a gente faz, né? Cuidar do meio ambiente, trabalho ecológico.

As pessoas nem podem imaginar como eu me sinto quando estou fazendo um trabalho. Eu sinto que eles (os trabalhos) estão ganhando vida - e dando vida.

E aí eu consegui cuidar mais de mim. Cuidar mais do meu corpo. Lavar minhas mãos. Quando eu faço inalação eu lavo a minha boca, faço um trabalho de higiene na boca.

E achei que foi muito proveitoso, muito mesmo, falar do meu corpo. Eu sinto, no trabalho que foi feito, no trabalho que eu estou fazendo agora, sobre o caderno, que essa obra de arte está me dando mais vida!

Passou por mim uma imaginação, o mundo imaginário.

Assim, na floresta. A floresta. Deu um temporal na floresta. Uma árvore estava muito poderosa, muito saliente e deu um temporal e a desfolhou toda. Todas as folhas, tirou todas as folhas. Foi tirando, foram caindo as folhas, foram caindo as folhas e a árvore ficou nua. Sem folhas. Só os galhos. Mas ficou uma folha segura num galhinho. E essa folha pedia socorro! Essa folha pedia socorro para que o Criador tivesse misericórdia. Que àquela folha, segura no galhinho, que ele desse vida, que desse a vida. Ela queria ganhar vida. Pediu vida até o momento em que nascesse outra folha no lugar dela. Então Deus ouviu a voz da natureza e toda a natureza apoiou. Aquela folha ficou no galho até vir outro broto, outra criação. Ela caiu e desapareceu. Quando veio o broto novo a folha desapareceu. Ela desceu e foi fazer adubo. Foi trabalhar na floresta para que as outras sementes, da mesma árvore, criassem vida.

as des

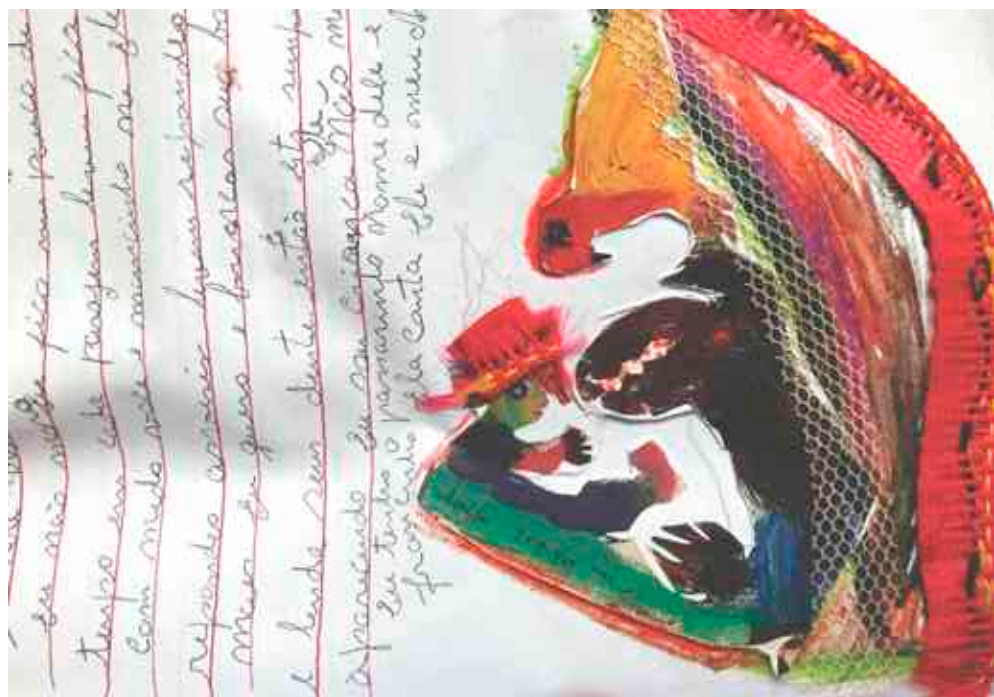
Adem do do
as intela nã
tem pã ta



Figura
Polina

as
si intela

afanta me tem ponta elas
pro fmpueto ordi
esta as guto do dltto



-GIOVANA CASAGRANDE-



O Corpo no processo matéria

O corpo que carrego comigo

Olhos atentos

Secar flores e capins

Pesquisar material

Escolher a palha de seda

Experimentar mil e alguns fios na porcelana. Branco no branco.

Ah, é isso! Palha fina, pálida e sedosa envolvendo ossos gelados e matéricos. Talvez um acolchoado aveludado, da cor azul, de uma noite estrelada, para acolher este corpo que descansa sobre a lenha.

O bordado. O jardim do Éden.

Olhos atentos em busca de materiais que tocam, envolvem e aconchegam. Vestem o inexistente. É pele? Não, só matéria.

Madeira

Porcelana

Em meio a tantos fios, Clarice Lispector e o vermelho, cor e matéria. Corpos carregados de luxúria, preguiça, desejo, vaidade, avareza e delírios.

Aqui, processando meses e meses de reclusão com o próprio corpo, tornando-se passagem entre consciência e inconsciência.

As mãos trabalham incessantemente para dar forma à matéria.
O têxtil cumpre seu papel de estreitar o campo aberto com nós, amarras e bordados.

O corpo do sensível

Viver fora de si.

Experimentar sensações.

Sonhar, vibrar, queimar, sentir o fluxo e refluxo da vida no intangível.

Envolta por corpos femininos,
confinados de experiências
físicas de desejos,
paixões e sonhos não vividos.

Inebriada por Clarice Lispector em Via Crucis do Corpo.

Eu, artista, corpo e alma.

Liberta das amarras opressoras e padrões normativos pandêmicos.

Aqui, fogo invisível, capaz de correr o mundo embalada
pelo vento sem direção.

O belo corpo sobre a cama descansa.

Vivo a experiência fora do corpo.

Neste espaço entre corpo e alma, movem-se limites, apagam-se fronteiras e esquece-se do mundano. Carrega apenas as sensações das histórias vividas. As cicatrizes deste corpo físico são deixadas amontoadas debaixo da cama. Ossos e mais ossos abandonados com o passar do tempo... Histórias e sentimentos,

Histórias e sentimentos sobrepostos ao vivido.

R.I.P sob um verde campo rasteiro.

Este corpo etérico saltita, sonha,

vibra, sente, sofre e deseja.

É a potência do sentir.

Capaz de muitas loucuras que aquele
corpo físico não suportaria.

Agora, respiro e me aproprio de todas as histórias do feminino.

Vivo todas as sensações, sinto na pele o ardor.

A vida é isto, então?

Vivência e desejos do corpo que sente até a morte?

Para além da aparição.

Mudos fogos de artifícios.





-GUSTAVO CABOCO-

À TERRA: Retorno

Retorno às caminhadas, os rastros ancestrais, e com as vozes da nossa história antiga. É possível articular possibilidades de existência a partir da memória dos seus? Mas por que nossa história, a indígena, continua a ser ignorada? Nossa existência desautorizada. Se um rio vai à cidade ele deixa de ser rio? Ou a cidade invadiu o rio? São as perspectivas.

Viemos de uma grande árvore. Nós, do povo Wapichana, outros, dentre os 305 povos indígenas que estão neste território brasileiro, possuem suas próprias visões, cosmovisões, saberes e memórias. A arte da terra é em si a força onde caminhamos. Há uma terra indígena dentro dos olhos das redes entre as Araucárias, as Bananeiras e os Buritizais. Quando falamos de retorno à terra, queremos ir além dos limites da identidade, das ecologias e territórios. Refiro-me a um ciclo importante da sociabilidade com a terra, a vivência e as trocas. Como transformar o que muitos chamam de sobrenatural para apenas natural? É urgente atualizar as relações com o natural. Deslocar o humano do centro e ouvir este organismo vivo: a terra. Onde somos apenas um fragmento, não estamos “sobre” a natureza, e respiramos tipo o olho da nascente do rio quando percebe que parte do seu pé, o pé do rio, está caminhando no subterrâneo de uma rua no centro da capital.

Vamos caminhar a partir da diferença. Reconhecer estas diferenças. Respeitar esta pluralidade vai gerar avanços em nossa convivência. Ou a ausência irá se perpetuar. É urgente abrir o campo da educação a partir do campo da vida e da arte. A acessibilidade que gera a cultura.

Quando conectamos novas fronteiras: *a kultura anda.*

É preciso ocupar estes espaços, narrar nossa história e interpretá-la a partir das visualidades e vozes indígenas. Nossas histórias são vivas e nossa memória também.

À terra: **retorno.**

À TERRA:



RETORNO

RETORNO

ALINHAR TECIDOS AULA 01 DE COSTURA



"ME FALARAM QUE NÃO AVISTO

Epistemicídio

conhecido

arte lida

~~trabalho indígena~~ ~~trabalhando~~

Visto a roupa da arte

para se superar a passividade:

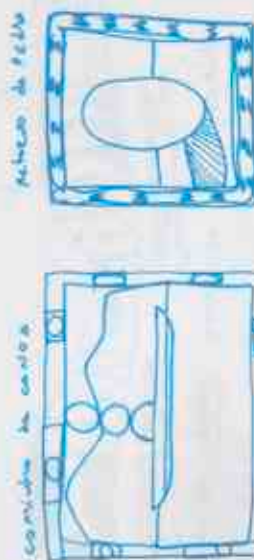
convide artistas indígenas

para conversar, dialogar,

produzir, existir.

PAGUE o artista indígena."

CO HABITAR



- ESSAS SUAS

REPRESENTAÇÕES

SÃO BEM OCIDENTALIZADAS.

SERÁ QUE VOCÊ

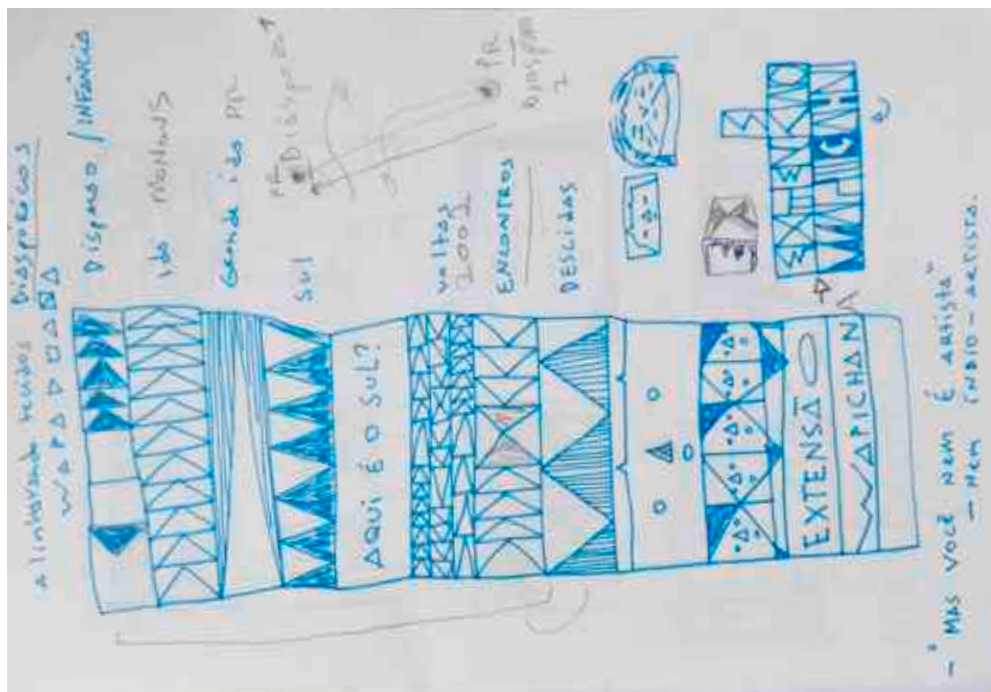
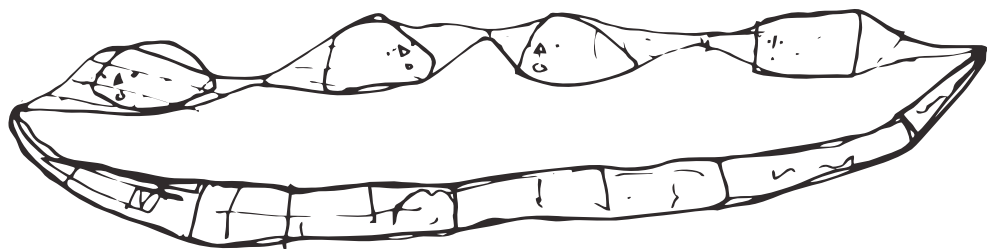
CONSEGUE FAZER

ALGO ASSIM...

DEM INDÍGENA?



RE-ENCANTRO DOS PARANIRIS





-LEILA ALBERTI-

A decisão foi de estar consciente do processo em curso, porém entregue à vivência de variadas opções, sem escolhas. A nova ordem era não haver expectativas sobre o resultado futuro e sim focar na presença consciente em cada momento. Um exercício de observar e deixar registros. O percurso começou com desenhos, anotações e leituras - o caderno foi um companheiro constante. Em março, a pandemia nos impôs a geografia da casa e o movimento das pessoas foi diminuindo. Um silêncio se estabeleceu na cidade e com ele sons e imagens ganharam uma importância ampliada em sua presença. O planeta está enfermo, meu corpo está em perigo e a todo momento me indago: como cuidar? Aconchego-me em meu caderno e logo estou em outra instância, amparando minha mãe em sua finitude. O corpo leve agora é pesado e o meu não o sustenta. Minhas mãos se ocupam de fios e suturas como que amarrando o tempo ou em rabiscos narrando memórias em amontoados de afazeres. Nelas permanece um corpo que não volta, mas fica enquanto eu estiver como sentinela. Acordada, busco conforto em Valter Hugo Mãe: "a tristeza precisamos de usar mas não é bom ficar guardada".

Em meu corpo mora a saudade.

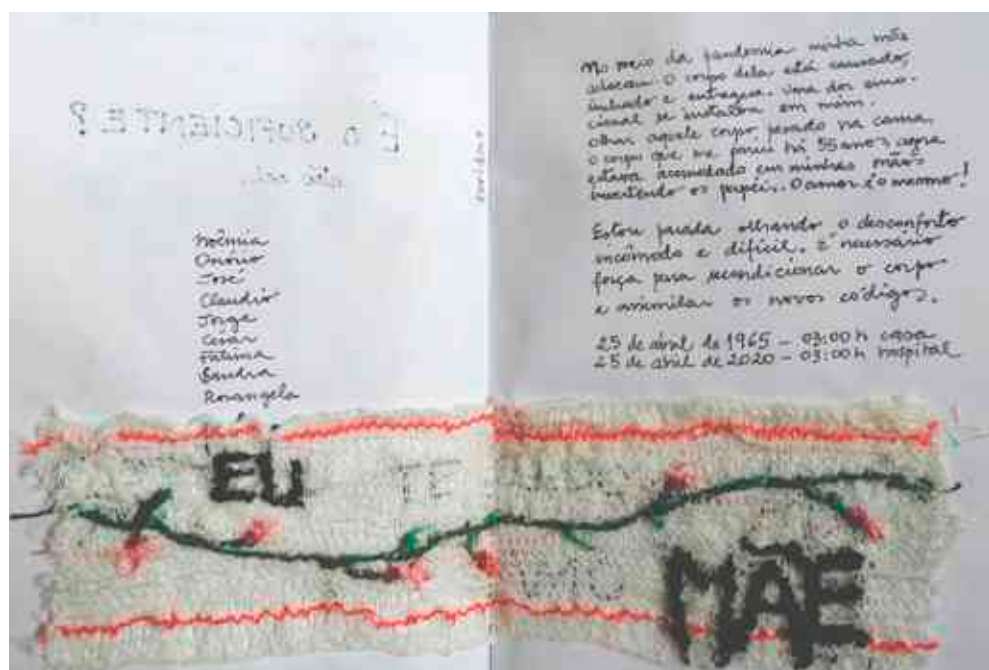
Fase de compreensão das palavras e imagens, milhares de palavras em todos os lugares, proferidas por milhares de pessoas. O mundo está repleto de belos saberes e eu parecendo uma menina quando ganha os primeiros lápis de cores. Volto aos desenhos e anotações no caderno e em alguns papéis avulsos que depois rasgo e elimino. O corpo reclama de dores de todo tipo – até de pensamentos. Descobri que existe a dor de pensar demais. E quando ela chega, o silêncio é imperador.

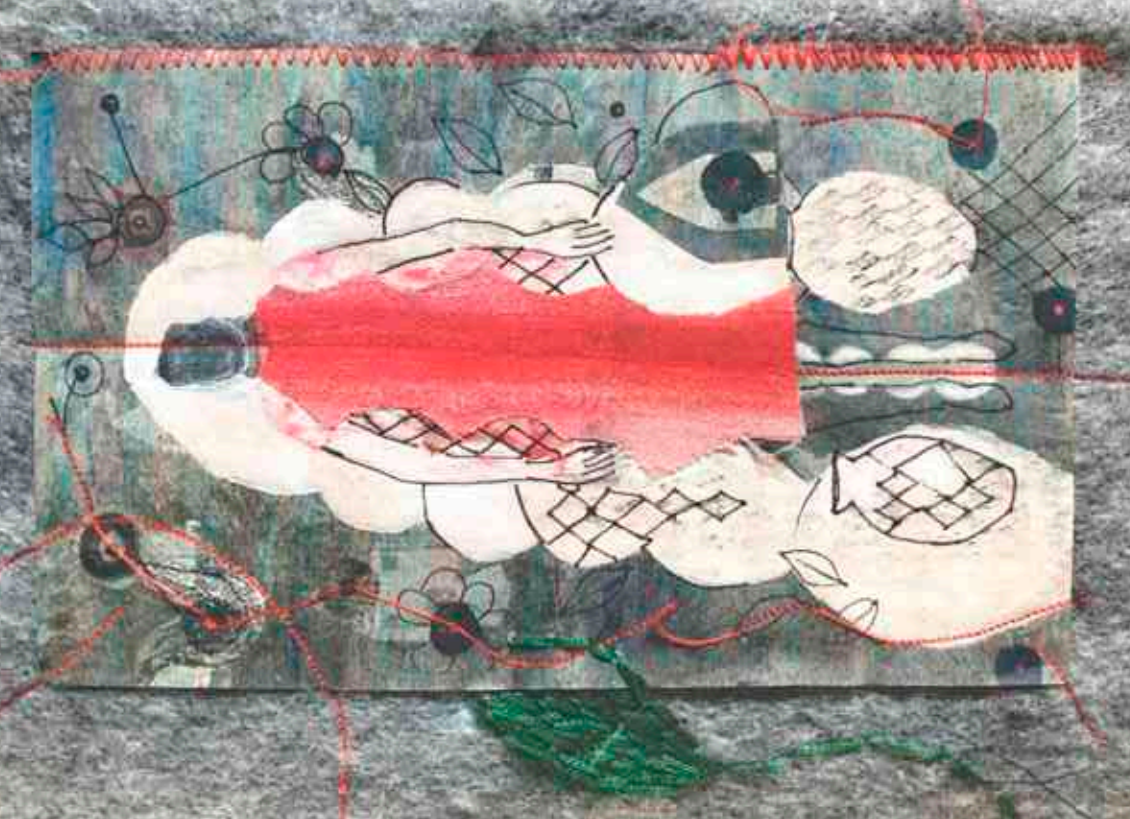
Meu corpo conversa com nuvens.

No segundo semestre de 2020, um sonho deu início às decisões sobre parte da obra e alguns critérios, mudos e inexplicáveis, são ajustados em uma ação entre corpo e obra. A materialidade e conceito são ajustados e no lugar de suturas surge um jardim em bordados envolvendo amorosamente o corpo. O dela, o meu, juntos nas pequenas mortes e entregues aos nossos ossos que ainda nos sustentam. Em meio a tintas, fios e lãs de muitos calibres, olhando os rastros que deixei em vários trabalhos que produzi e em alguns que se tornaram miragens, finalizo o ano com um maior discernimento deste processo e do que quero realizar.

Em meu corpo brota a mata.

PELE







De início, quero frisar o quanto fiquei honrado em ser convidado a participar desse grupo de artistas têxteis. Parte das pessoas que participam são minhas referências locais e inspirações. A outra parte são interessantes descobertas.

Assim, sinto-me em um local de muita oportunidade de aprendizado e troca, junto das mestras e mestres da arte com fibras.

Tenho sentido o quanto busco manter-me concentrado para perceber o que estou a fazer, bem como o quanto isso se trama e enlaça com o que o grupo faz. Com isso, deixo-me sensibilizar pelas obras dos outros, o que falam e fazem. Em um coletivo como esse, tudo se torna mais complexo, uma vez que o tema é o mesmo para todos; todas as referências vão se misturando e isso se emaranha de forma a confundir o que o outro faz e o que eu faço, sem deixar de criar algo que seja de autoria minha – e que, ainda assim, seja parte de um coletivo.

Quando recebi o caderno, no início de 2020, pensava que falaria sobre um corpo *queer*, como uma pessoa da comunidade LGBTQIA+. Estávamos prestes a cair na pandemia. Entramos fundo! Como Alice, ao cair no buraco do coelho.

Até que vi um dos vídeos que uma integrante enviou e eu o interpretei como decrepitude. Isso mudou drasticamente a minha linha de raciocínio criativo. Estava afetado, também, pelas mortes mundo afora, Brasil adentro.

Começamos então a nos encontrar por videochamada e falar sobre o que estávamos passando. O olhar do outro ajudou a pensar como poderia ser minha obra, pois é um grupo muito diverso. O que os outros falam traz *insights* para mim e para minha obra. Essa é a maravilha do conversar, do trocar. Isso torna o trabalho mais interessante e prazeroso. Acompanhar o processo dos demais artistas – que também se questionam sobre o que estão a fazer, como fazem, como estão a observar –, bem como suas falas, ao apreciarem uns os processos dos outros, leva-nos a refletir de uma forma nova, a caminho de um lugar mais profundo.

Nosso trabalho ganha mais corpos, mais textura e camadas. Como uma pessoa que se veste para o inverno: coloca camadas acima de camadas de roupas. É criado um visual completo e único, mas o que lhe dá forma são várias peças diferentes, muitas camadas de tecidos. Cada produto tem sua textura, cores e formas. Esse grupo nos aquece como aquelas roupas inverniais – o corpo/processo ganha muitas camadas de sentidos e significados – o que é bastante valioso em um processo de construção de uma obra. Quanto mais camadas, mais importância para mais pessoas...

Percebo que é assim para todos. A cada um que se apresenta, novos textos chegam, novos olhares o apreciam e nossas obras se tornam mais potentes. É um processo muito rico participar de um coletivo assim, ainda mais ao lado de artistas têxteis, com almas tão valiosas.

**-LUAN
VALLOTO-**

WICKED

VALERINE

illegal

Respeito a vida trans

Parecia que na sua
constituição, tem um pouco
de mãe, de pai...

Que você é formado por
mais partes, não apenas
homem, não apenas mulher...

Você também é um mix de
Tudo isso que o/a contém...

Algumas pessoas são mais X

Outras mais Y, e está Tudo bem ser tudo.

E mais um pouco, se quiser

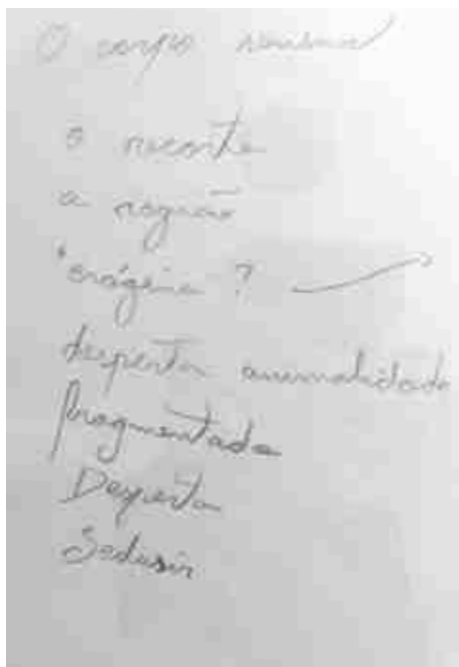
Corpo queer

Não homem Não Mulher
mult. plo

cheio de constituições

queer

teoria queer



A vida do corpo
que no labirinto
descreve o caminho
para os poucos
se perder
se deixar
ir entrando numa
outro plano
além da vida
quase morte

A princípio pensei
em modelar o
corpo da mulher e
recobrir com alguns
desenhos, mas...
ideias não
concretizam ainda.
Como ser?
Como fazer? um molde?
de papel?
Como se apresentar?
Tudo no
imaginário



-LUCIÁ CONSALTER-

...entrelaçar fios... vida... morte

Ao permanecer em casa durante tanto tempo, fui salva pela arte – e ela continua me salvando.

Levanto-me, tomo meu café, e sento-me para dar início ou continuidade a um desenho. Almoço, desenho novamente, às vezes interrompo momentaneamente para afazeres do dia a dia e à noite volto a desenhar – um vício muito bom.

Bordar, desbordar em preto e branco com a caneta nanquim – uma forma de se desvencilhar da dor –, entrelaçar fios negros e preencher espaços aparentemente vazios. A tinta, a cada momento, intensifica e preenche os traços delineados em diferentes pontos do papel para se concretizar a ideia criada pelas linhas tortuosas em constante devaneio criativo.

Ideias surgem a todo momento, desenhos minuciosos, cheios de reentrâncias colocadas sobre o papel para serenar o coração e as mãos que percorrem a todo momento sobre o papel em branco. Desenhos feitos durante este confinamento, alta produção provocada pelo isolamento social: um convívio comigo mesma extremamente necessário para a realização deste trabalho.

Linhas tortuosas como este momento pandêmico que tanto assusta a todos, uma saída para qualquer lugar, gera uma preocupação, cuidados constantes com a nossa movimentação, tudo moroso; meticuloso e cuidadoso quando retornamos ao nosso lar.

Desenhos refletem este diálogo solitário, cheio de minúcias. Há detalhes de linhas que não posso ultrapassar, pois interferiria na forma e elas correriam o risco de se desfazer, desaparecendo a ideia principal de um processo extremamente prazeroso e intenso.

As flores estão presentes nesta fase, para ofertar, doar cada “linha pétala”; as penas dos pássaros acariciam faces sofridas, chorosas, rostos preocupados observando a história de cada expressão fisionômica.

Muitas perdas. Entes queridos se foram sem nem poderem ter sido velados pelos seus familiares e amigos.

Nossa liberdade tão preciosa foi engaiolada.

Fios sobre o corpo, a alma adornada com colares, anéis, pulseiras, pois quando nos olhamos e nos sentimos belos o prazer é intenso, nos encorajando para o dia de amanhã...

A arquiteta iraquiana Zaha Hadid, certa vez disse: “No começo, eu tentava criar edifícios que fossem brilhar como joias isoladas; agora quero que eles se conectem, que formem uma espécie de paisagem, que possam fluir junto com as cidades contemporâneas e as vidas de seus habitantes”.

A arquitetura de Hadid é atemporal, suas construções exuberantes encantam olhares de quem aprecia curvaturas como se fossem corpos femininos, iluminação que perpetua a construção com diferentes formatos e o vento que passa por essas janelas, cantando o clima do momento.

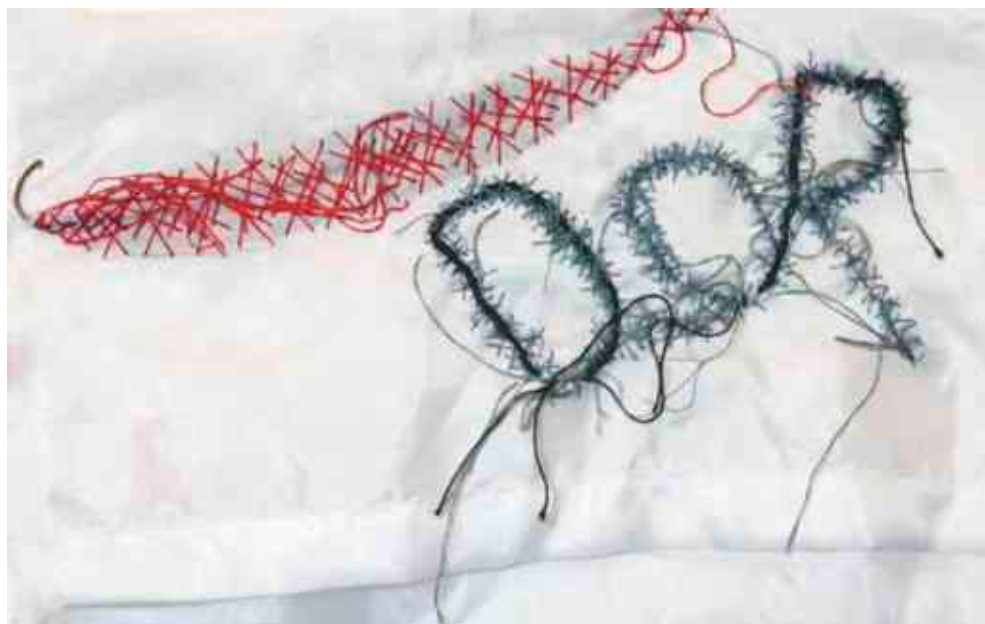
Lembrei-me muito da sua arquitetura, que também tinha muito a ver com as roupas que ela usava.

Estes desenhos, cheios de fios, para mim soam como uma construção. Têm seus respiros onde o vento passa; a luminosidade que reflete sobre o branco do papel levemente brilhante compõe partes da obra com suas curvaturas, dando movimento a cada novo traço.

Joias irão fluir sobre as pessoas em harmonia com seus corpos!

...tic...tac....tic...tac... Tempo voa... É Natal... Renascer para o amor... tictac... tictac... Ano Novo...

Tempo que voa...





MAMA/SEIO

As mamas (conduções)
reproduzem também com
leões ou mites por uma
vez e tantas nos demais
animais) são a parte do
corpo feminino de um
mamífero que é respon-
sável pela produção de leite
para os bebés em seus
primeiros meses de vida,
para ajudar no des-
envolvimento do bebé.

WIKIPÉDIA

06/05/2020

Hoje foi dia de m. m. m.

Calme Pulso.

binda!!!

por a conexão da Crista,
qdo fazer o curso de Meda
no Senai.

~~Trabalho maravilhoso~~
super dedicada, criativa,
alma generosa e nos serve
de inspiração p' seguir nos
em frente e no trabalho
e pesquisa. Obrigada!!!



-MARÍLIA DIAZ-

Processando...

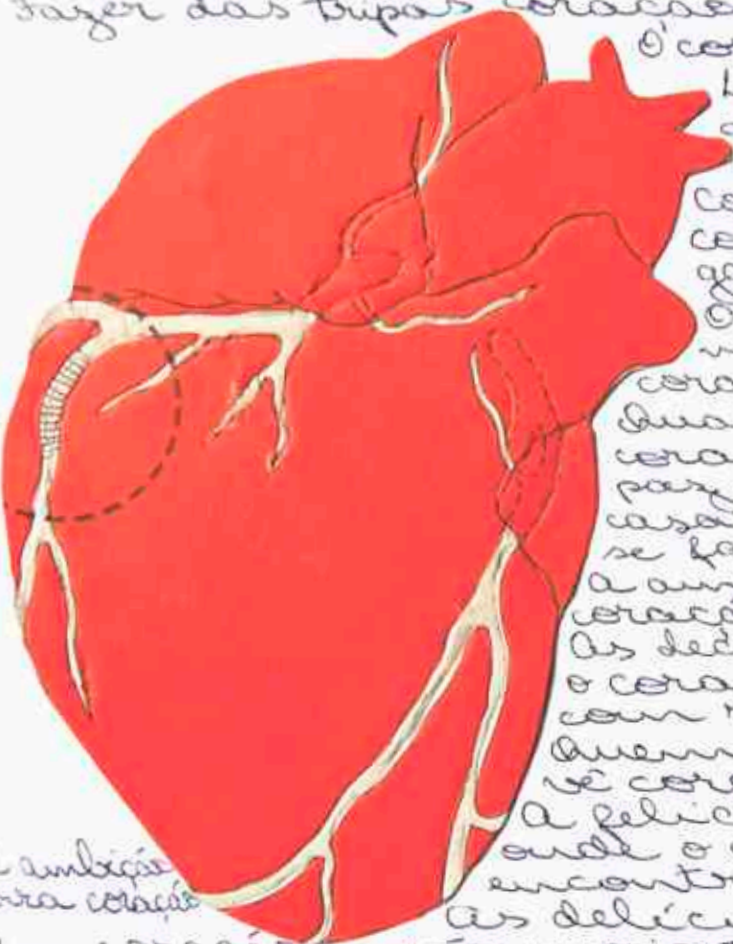
Estes afazeres não começam aqui. Iniciam no DNA das minhas mulheres. Bisavós, avós, mãe... Na benzedeira e sua ladainha: “O que é que eu costuro? Osso quebrado, carne rasgada, nervo torcido.” Cobreiro, quebrante, aranjeiro e sapeiro. Na brincadeira de empilhar botões, separar por cores, escolher tecidos, buscar aviamentos. Ver remalhar meias de seda com a lupa na máquina encafifa. Empós, dilatar estes saberes e alçar vôo do ordinário ao extraordinário. Sumir no bordado. Perpetrar nas experiências visuais, táteis e sinestésicas e ver por trás das coisas. Matutar. Assistir ao emergir dos arquétipos e do corpo de mulher. Nome, sobrenome, biografias para contar em sete roupas de amigas. No enceto só o espectro, as marcas indelévels do corpo. Depois o tingir, o macular com cascas de cebola, camomila e borra de café. Alquimia da cozinha, passagens do cotidiano. Bordar com vermelho. Vermelho matricial, sagrado e secreto, ação e paixão. Pontilhar, alinhar. Recorrências significativas, palavras e frases: sem coração; o meu coração é só de Jesus; das tripas, coração; eu vou te comer... Guarnecer. Vermelho do sangue, das flores, dos corações, dos livros, da boneca, da chave, da palavra e da história. O garimpo de pequenos objetos, miniaturas. Como diz Pamuk: “gosto da *coisidade*, da sua presença material”. A pele, os sachês de chá, amarelados por anos, o coto umbilical, recebido em caixa de joia. O ser das coisas. Adensamentos. Revalorizar as tradições femininas com Miriam Schapiro e Ivone Richter. Arrasto todos comigo, Deleuze & Guattari, Louise Bourgeois, Gioconda Belli, Ana Paula Cavalcanti Simioni, Bachelard, Orhan Pamuk, Ortega e Osce, Cecília Salles, Darwin e Klee... Dias de produção febril, dias de marasmo, dias de espera, dias só com as palavras e os textos. Os corpos aos poucos acrescidos, atrelados ao desenho pretendido. Confecção de dois livros de artista: um ainda em processo, pequeno, machucado, encontrado em uma livraria em Paris; este, ainda lá, do outro lado do oceano. Alfarrábio, citações, recortes de importância, escopo. O outro livro, já pronto, produzido manualmente em quatro meses. Trata de nascimentos, cotidiano, lutas e mortes de mulheres sem nome. Delato, acuso. Em ação dialética vou do centro para as bordas, das bordas ao centro. Formas de idear. Afastar-se, deslocar-se para ressaltar melhor. Refletir, fazer e sair de cena para analisar. Registrar novamente. A pandemia atravessou a vida e o projeto. Reclamar é clamar duas vezes, não falo mais, já basta o que reverbera em mim. O dia ulterior será diferente. Abrolha um pano costurado, uma benção, um alento para cada consternação, para todas melhorarem. Também benzo. No recorte vertical do andamento – 2017/2020 – o delineado e o concebido se distanciam. O trabalho está acumulado, adensado. As roupas e as intenções são ressignificadas no espaço da memória, das lembranças, metáforas e desígnios. Continuo a andar na linha de fronteira.



coração na
garganta
que os olhos
não veem, o
coração não sente



oração duro.
agradecer de oração.
Deus no coração.
Boa de coração.
Coração na mão.
De todo coração.
Fazer das tripas coração.



O coração aos pés
lançar o coração
ao longo
coração duro
coração de gelo
coração na
garganta

O que os olhos
não vêem, o
coração não sente.
Quando em seu
coração reina a
paz, da menor
casa um palácio
se faz.

A ambição cega o
coração.

As delícias ensinam
o coração a agir
sem razão.

Quem vê cara não
vê coração.

A felicidade está
onde o coração
encontra repouso.

As delícias do coração
são mais doces que

as do espírito.
Longe da vista, longe do coração.
O amor nasce da vista e vai
ao coração.

O coração nunca envelhece.

O coração tem razões que a
razão desconhece.

O coração de mel, coração de fel.

O coração partido é sempre combatido.

O coração é uma criança: descepa
tudo o que vê.



-RAFAEL CODOGNOTO-

Onde começam os processos criativos? Acredito que os meus foram na infância: meu pai era motorista de um caminhão de lixo e trazia muitos pedaços de brinquedos que eram como quebra-cabeças para criar e transformar. Ele mesmo dava exemplos de como, por exemplo, fazer furinhos num balde partido para costurar com arame. Sempre me encantou trabalhar com materiais pouco reconhecidos como artísticos.

Considero-me um artista coletor, buscando matérias-primas alternativas nos brechós e negócios de usados. Nos muitos trajetos a pé, sempre volto com algum objeto descartado, já sabendo no que ele pode se tornar. Aproveitando a carga que esses objetos já possuem, crio novas histórias, pensando em revisão e adaptação.

Durante a quarentena de 2020, uma pipa caída em minha casa fez pensar na liberdade do voo e ao mesmo tempo na ameaça do fio cortante feito com cola e pó de vidro.

É com materiais anteriormente estocados que venho trabalhando durante esse período. Considerando a contaminação já sofrida por essa matéria-prima, deixo fluir a intuição, usando, por exemplo, tecidos de camisas e casacos para encapsular velhos troféus e modelar no alto de cada taça uma mão suplicante. Como se fossem ex-votos, essas mãos erguem um louvor aos céus agradecendo pela sobrevivência e a continuidade do processo artístico, prontas para escalar as barreiras impostas ao corpo oprimido pela tragédia da pandemia.

Nesses processos nada é ignorado. Cada objeto agrega observação, pensamento e o próprio fazer. Aceito parte por parte desse quebra-cabeça que aos poucos venho montando, com peças que aparentemente não se encaixam.









-VERÔNICA FILIPAK-

Nunca me fechei tanto e nunca estive tão aberta.

Senti. Senti dor e alívio.

Senti a morte e senti a vida.

Senti não ver. Senti não tocar.

Alguns não sentiram o gosto, ou não puderam cheirar.

Tocar!? Nem pensar!!!

Privação de sentidos.

Sentimentos confusos. Diferentes.

Dúvidas? Com certeza!

Sentimentos compartilhados, sentimentos guardados.

Só quero sentir. Experimentar.

Sentidos à flor da pele.

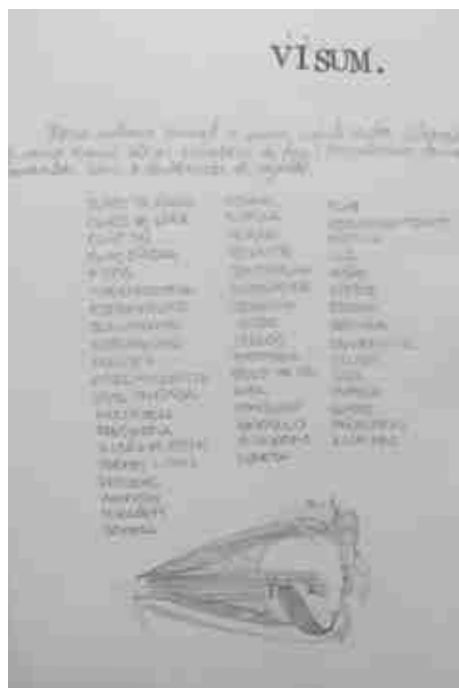
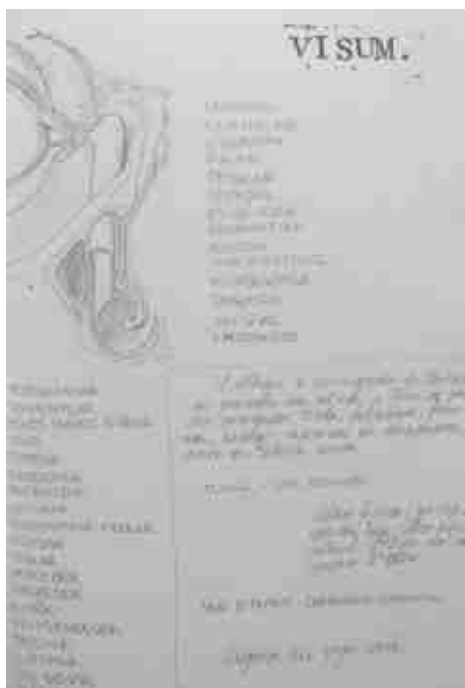
Novamente sentiremos juntos.



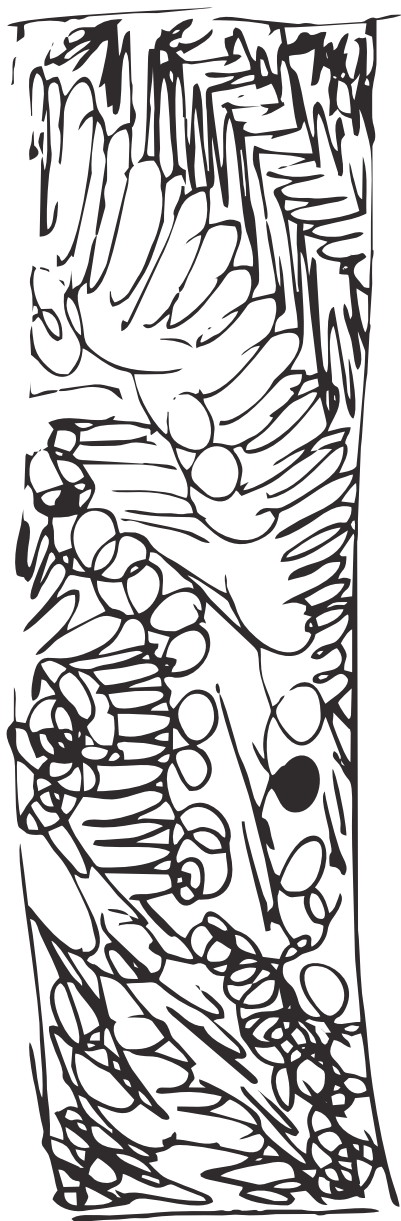
Esperar d'oi...








ORGANA SENSUUM.



igualdade



APAGAR
ESCREVER
APAGAR
ESCREVER
APAGAR
ESCREVER

- ESTE CADERNO-

O caderno foi o instrumento que definimos como depositário comum das observações, ideias, constatações, memórias e afins a que estaríamos sujeitos na vivência de nossos processos individuais. Mais do que instrumento, um método através do qual torna-se possível o registro, logo a partilha, da evolução de nossos entendimentos.

"O artista durante sua produção deve se colocar diante de uma lista de perguntas, problemas, respostas e tentativas de resposta, mas o processo de reflexão, que se dá através dos registros no caderno do artista, é fundamental para que ele possa ser conhecedor de si mesmo e de sua obra. Amadurecendo diante de um processo infinito e poético, cheio de encantos e também de ameaças. A arte, por outro lado, é sempre perturbadora, permanentemente revolucionária. E isso porque o artista, na proporção de sua grandeza, enfrenta sempre o desconhecido, e aquilo que ele traz de volta dessa confrontação é uma novidade, um símbolo novo, uma nova visão da vida, a imagem externa de coisas interiores." (READ, 1983).

Os cadernos individuais permitiram-nos observar, analisar e, logo, organizar e propor condutas e ações. A partir dos cadernos individuais, numa tentativa de expandir os limites, decidimos construir este que você lê agora.

Percebemos que o caderno é um instrumento através do qual as ideias podem chegar a outras pessoas, espalhando-se e ampliando-se para fora mesmo dos limites de tempos e espaço que podemos vislumbrar. Por isso, para que você nos ajude, através de sua própria ação e vontade, a expandir as fronteiras.



- COMO FOI NOSSA EXPERIÊNCIA-

A experiência está em andamento. É cedo, portanto, para contarmos como ela foi. Podemos dizer que ela está sendo. Que estamos em construção. Que a ação que empreendemos, na tentativa constante de tornarmo-nos cada vez mais conscientes de quem somos, onde estamos, como atuamos, do reconhecimento sobre nosso entorno e sobre o impacto de nossas atitudes individuais na vida coletiva, transforma-nos em sujeitos em processo, logo, em sujeitos vivos. De certa forma, passamos a ser nosso próprio objeto de arte. A vida se torna arte. E, desta forma, cada vez faz mais sentido.



Bombolito
transformação, feminilidade
Bela - Renovação



- COLABORADORES NA EXPERIÊNCIA NO MUSEU -

Durante os dez dias que coabitamos, em processo, a sala expositiva do MuMA, alguns convidados fizeram intervenções em determinados momentos, interrompendo o trabalho, e sendo possível observar o quanto isso afetou o grupo ou algum participante em sua dinâmica de trabalho de criação. Eles habitaram no espaço compartilhado conosco por duas horas, entre conversas e dinâmicas.

- TÂNIA BLOOMFIELD - *Do isolamento do artista ao mundo desolado: distopias e os trânsitos poéticos.*

Doutora e mestre em Geografia pela UFPR. Graduada em História pela UnB e em Educação Artística pela UFPR. Professora do Departamento de Artes da UFPR. Artista visual, com exposições realizadas no Brasil e no exterior.

- ALEXANDRE LINHARES E THIFANY F - *Corpo estandarte*

Alexandre é estilista, ecodesigner, performer, videomaker, figurinista, produtor e professor e Thifany é administradora, gestora, estilista, performer, figurinista e maquiadora.

- ELIANA BRASIL - *Sob as tantas nuances do amarelo*

Artista visual mineira, radicada no Paraná desde 1997, pesquisa a invisibilidade artística e intelectual da mulher negra na história da arte brasileira, abordando principalmente questões relativas a memória, afeto, autoafirmação e identidade.

- MAYLLI COLLA - *ConTEXTualizar o Processo*

Arte-educadora pela UFPR, professora ateliarista no colégio Amplação.

- EDUARDO AMATO - *Open source!*

Artista, pesquisa a performance art como ritual e as correspondências entre performance art e carma.

- LEILA PUGNALONI - *Sensibilização através do gesto*

Pintora, escultora e desenhista com formação pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná

- CELAINE REFOSCO - *Qual corpo? Qual quem?*

Artista visual, curadora, design têxtil e fértil em ideias. Organizadora de pensamentos e espaços, pequenos e grandes. sabe falar por escrito.

O Espaço Compartilhado de Criação
O Corpo na linha de borda
Fevereiro 2020 /Dezembro 2021

CORPO NA LINHA DE BORDA



- O REENCONTRO NO MuMA -

Por fim, como mais uma etapa de compartilhamento e de vivência, transformamos esta sala expositiva em um grande atelier coletivo durante dez dias. Estivemos juntos aqui, mas cada artista trabalhando independente e contribuindo com seu fazer, diálogos, participando de ações coletivas, programadas ou imprevistas, anotando sobre os acontecimentos e fazendo trocas nas 6 horas diárias – ou mais – em que permanecemos na instituição. Estivemos abertos a viver atentamente a interação com o território museológico e a um certo estranhamento gerado pela nossa maneira de agir e sobre imaginar outras formas de existência para as salas expositivas. Entremeados pela emoção do convívio físico e pelo caráter de imprevisibilidade e de interferência, recebemos pessoas para ações práticas e propusemos momentos em que o público pode acompanhar e interagir nos processos de trabalho com palavras, gestos e comportamentos. Recebemos o apoio da equipe do Museu Municipal de Arte - MuMA, sob a batuta de Rodrigo Marques, de nossos convidados e do público.

- TUDO ESTÁ EM MOVIMENTO -

Cada artista encontrou seu espaço na grande sala. Ali colocaram seus materiais, objetos de afeto, cadernos de processo e obra em construção. Com um cartaz, fixado na porta de entrada, abrimos o espaço à entrada do público: alternância de movimento do corpo, parar para ouvir e olhar, opinar, suspender a opinião, anotar o que acontece e depois explicar sobre o que se processa, ter paciência, aceitar falhas, investigar e recomeçar. A presença e interação com o público e com convidados trouxe ação e reação, estímulos às reflexões aos processos criativos. Após uma semana de convívio chega a hora de finalizar o discurso da prática de cada um e apresentar as obras. Os vestígios deste processo enquanto corpo estão espalhados pela sala/corpo e o corpo/obra, e agora reivindicam o posto de gerenciador de sua própria identidade. Em 4 de dezembro de 2021 a exposição foi aberta na sala 1 do Museu Municipal de Arte - MuMA e permaneceu até 22 de fevereiro de 2022.



ABERTO AO
Público
ESPAÇO
COMPARTILHADO
DE
CRIANÇA



- TRABALHANDO À DISTÂNCIA -

Em fevereiro de 2020 nos reunimos em torno de uma ideia: observar e sentir nosso corpo físico e mental na relação com o processo criativo, partilhando as impressões coletivamente. Doze artistas com o propósito de vivenciar fazeres compartilhados, de se transformar pela partilha. No entanto, a chegada do isolamento pandêmico, em março, mudou nossas rotinas e instaurou uma partilha *online*, diferente e desafiadora. As conversas e práticas virtuais foram acompanhadas por um caderno de anotações e alguns desafios colaboraram para mudarmos as relações com o corpo, com o trabalho, com os territórios habitados. O corpo é a casa da alma e a casa abriga o corpo físico. No confinamento, essa relação com o espaço de proteção nos fez estreitar laços com nossa casa e corpo, de tal modo que uma nova fronteira de convívio se estabeleceu no projeto: o corpo na casa, a casa corpo. Trouxemos essa relação para este espaço expositivo, intensificada por meses de convívio e de transformações que convergiram para o que se intitula O Corpo na Linha de Borda.



- FICHA TÉCNICA -

Ana Beatriz Artigas
Bernadete Amorim
Claudia Lara
Efigênia Rolim
Giovana Casagrande
Gustavo Caboco
Leila Alberti
Luan Valloto
Luciá Consalter
Marília Diaz
Rafael Codognoto
Verônica Filipak

Texto

Leila Alberti

Coordenação do projeto

Claudia Lara

Giovana Casagrande

Leila Alberti

Marketing cultural

Mônica Drummond

Fotografias

Sigueo Murakami

Acervo dos Artistas

Desenho da artista observadora

Celaine Refosco

Performance no bosque

Eliana Brasil

Corpo do som

Stephanie de Carvalho

Diorlei Santos

Projeto gráfico

Adriana Alegria Design

Impressão

Gráfica Capital

Curadoria expositiva

Leila Alberti

Fevereiro 2020/Dezembro 2021



A exposição
O Corpo na linha de borda:
espaço compartilhado de criação

Por **Emanuel Monteiro**
Artista e professor do departamento de Arte
da Universidade Federal do Paraná
Curitiba - Outono de 2022

**CORPO
NA
LINHA
DE
BORDA**

espaço
compartilhado
de criação

CORPO-2 NA LINHA DE BORDA





Exercícios dos artistas durante o processo em isolamento pandêmico
apresentados na vitrine do Museu municipal de Arte

- O CORPO NA LINHA DE BORDA: ESPAÇO COMPARTILHADO DE CRIAÇÃO -

Passou por mim uma imaginação, o mundo imaginário¹.

O corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação é o título da exposição coletiva realizada no Museu Municipal de Arte (MuMA) – Portão Cultural, entre os dias 04 de dezembro de 2021 até 22 de fevereiro de 2022. Os trabalhos se iniciaram e foram interrompidos com a chegada da pandemia da Covid-19. A grave situação sanitária, o medo e as incertezas vivenciadas ao longo deste período atravessaram tanto o cronograma de execução do projeto, quanto o próprio modo de os artistas pensarem seus trabalhos. Com a necessária interrupção da dinâmica coletiva de criação dos trabalhos em encontros previstos para acontecer no espaço de exposição, tornou-se basilar aos artistas dar início e continuidade às suas propostas - que visavam a coletividade - no espaço recluso de suas casas. De repente, fomos todos alertados sobre os riscos de um mal invisível, um novo vírus altamente contagioso e cujo tratamento ainda era inexistente.



Fig. 1. Ticiano. *Noli me tangere*. Óleo sobre tela, 110,5 x 91,9 cm, 1512. National Gallery, Londres

Noli me tangere! Amplamente representada por diversos pintores, a ordem e advertência bíblica dada pelo Cristo recém-saído do mundo dos mortos, quando em estado de

¹ ROLIM, Efigênia Ramos In MOLOSSI, Leila Regina Alberti. *O corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação*. Curitiba: Ed. Da Autora, 2021, p. 28.

transição entre o mundo dos homens em que se encontra e sua iminente subida ao mundo divino, parece-me uma metáfora possível para pensarmos o período que recém atravessamos e no qual fora realizada esta exposição. As interpretações são múltiplas. Tomarei partido de uma. Cristo recém-saído de uma gruta, lugar de clausura, proteção, resguardo – conforme a vasta iconografia à qual temos acesso – tem, provavelmente, pelo pudor da sociedade que receberia tais pinturas à época, seu corpo – seu sexo – minimamente coberto e protegido por um manto. O evidente corpo de Cristo, serpenteando, esgueira-se do alcance do toque de Maria Madalena², enquanto sua mão, sem tocá-la, impõe com claro gesto a advertência e proibição.

Proponho pensarmos uma atualização, ou melhor, a presença da seguinte advertência a partir de duas vias. Uma delas, relacionada aos riscos de contaminação no contexto da pandemia e a outra, relacionada à advertência que marca um dos tabus da arte institucionalizada. O veto ao toque, que visa tanto a preservação física quanto a seguridade da obra, garante a ela a condição de objeto especial inserido no mundo, sem, contudo, fazer plenamente parte dele. Não me parece gratuito que surja como dado comum aos trabalhos dos doze artistas, Ana Beatriz Artigas, Bernadete Amorim, Claudia Lara, Efigênia Rolim, Gustavo Caboco, Luan Valotto, Lúcia Consalter, Marília Diaz, Rafael Codognoto, Verônica Filipak, Leila Alberti e Giovana Casagrande o sentimento de mal-estar, do receio e da hesitação, ao mesmo tempo que figure pungente a ânsia e o desejo pelo contato corporal, pelas trocas com os pares, pelo encontro necessário para a manutenção dos nossos sonhos de vida em comunidade, principalmente neste momento histórico de incertezas.

Decidimos nos observar. Primeiro individualmente e com um caderno à mão, de maneira que pudéssemos tomar nota do que víamos em nosso próprio viver. Depois, partilhando coletivamente as experiências individuais. O conjunto da proposta é, portanto, uma somatória de ações individuais, partilhadas e debatidas em conjunto para em seguida, numa ação radical do projeto, sermos todos convidados a reunir nossos processos individuais no espaço coletivo da exposição, onde trabalhamos juntos – cada um no seu trabalho, porém dividindo o espaço, admitindo a contaminação, os observadores, os curiosos, os tropeços; enfim, tudo o que pode fugir ao controle da segurança dos ateliês individuais³.

O processo em arte é aqui tomado como ponto central de importância. Os modos de lidar com a prática individual de cada artista foram se contaminando mutuamente, como é de se esperar, e mesmo de se desejar, quando artistas convivem por muito tempo compartilhando de um mesmo espaço de trabalho. Ao longo da intensa programação para além da exposição das obras, foram propostas diversas dinâmicas coletivas abertas ao público em geral, a fim de

² Sugiro ver também representações deste tema pintadas por Agnolo Bronzino (1561) e Paolo Veronese (1576 - 1588).

³ MOLOSSI, Leila Regina Alberti. O corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação. Curitiba: Ed. Da Autora, 2021, p. 4.





Cadernos de processo de criação dos artistas e exercícios de processo

transformar o museu em um espaço aberto à experimentação e ao debate, como um verdadeiro ateliê aberto. Em contraponto à difícil distância anterior quando em situação de isolamento e ao modelo vigente de museus e espaços institucionais de exposição aos quais estamos habituados, temos aqui, o museu-ateliê não somente como espaço de exposição, de visita e visualização, mas como ponto de encontro e lugar de ação.

O têxtil é o elemento e linguagem que atravessa todos os trabalhos como um princípio estabelecido para o projeto da mostra. Tem no seu fundamento o frágil elemento linha, ou fio, que, na formação das tramas, parte da unidade para a construção de um corpo maior e mais robusto. Outra vez, encontro aqui, uma metáfora. A transformação das linhas em tecidos, como um processo de corporificação, sugere os resultados potenciais do próprio trabalho coletivo.

Ainda sobre a importância do processo, o têxtil carrega também a memória do trabalho manual. Requer a demora, demanda a dedicação e a presença. A arte têxtil, aos modos aqui vistos, tece o tempo. O que vemos diante de nós então é o resultado de um viver. No ensaio *The invisible body*⁴, o historiador da arte anglo-americano William Norman Bryson analisa, a partir da situação de Matisse, que, tal qual Picasso o fizera, também se deixara ser filmado enquanto realizava uma pintura. Bryson narra o filme a partir de suas cenas que registram o artista em ação em tempo real. São cenas de gestos, avanços, momentos de indecisão, hesitações, retornos, maneiras peculiares no manejo dos instrumentos da pintura gravadas em sua superfície. Estamos aqui lidando com duas modalidades de impressão: o registro fílmico do artista pintando e o registro dos gestos do artista na superfície sensível da pintura. A tela é um corpo. Neste momento, nosso foco não se volta para as figuras pintadas em tela, para o que estaria diante de nós em um contexto de exposição, mas para os acontecimentos concomitantes aos instantes de sua elaboração e possível surgimento. Bryson destaca a importância dos gestos, das operações do pintor na lida do seu ofício aproximando-o da situação experienciada pelo bailarino, que mesmo nos instantes de apresentação pública, quando projeta seu corpo para um *fora* (o espaço do público, espaço da plateia), no palco, não deixa de ocupar esse estranho lugar que, para o bailarino, ainda mantém uma intrínseca relação com o espaço do estúdio, o espaço do trabalho, o *lado de cá*.

Não seria esse o lugar do artista? O lugar a partir do qual o artista pensa seu trabalho? O lugar da experiência do artista onde este e seu trabalho são atravessados pelas especificidades das operações realizadas? Não seria este também, à despeito da presença da representação de sua figura, um modo de percebermos a presença deste corpo – o corpo do próprio artista - no corpo do trabalho? É este estranho lugar que a exposição *O corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação*, nos convida a habitar.

⁴ BRYSON, Norman. *The invisible body In Vision and painting: the Logic of the Gaze*. New Haven and London: Yale University Press, 1983, pp. 163-171.

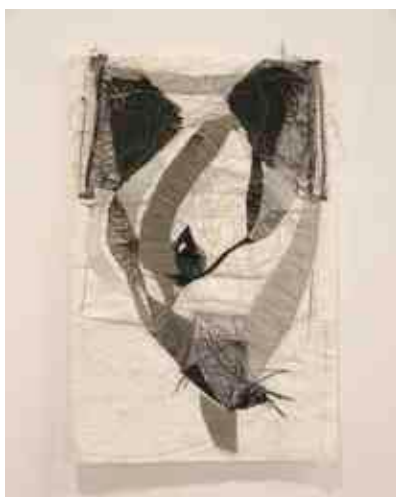
Na obra *Ainda Horizontes* ou *O Corpo do Mundo* (2021) de Verônica Filipak, que abre a exposição, vemos levantar-se diante de nós uma extensa e vertical paisagem suspensa, a qual podemos, ao circular o espaço, acessar seu verso. O verso de uma paisagem. O que seria isto? Ainda que a paisagem seja um dos signos da distância, aqui esta ideia encontra-se também em um estranho lugar, pois a materialidade que compõe o trabalho requer um literal envolvimento pela circulação e aproximação pela sedução de sua corporalidade evidente.



**Ainda Horizontes ou
O Corpo do Mundo**
Costura sobre feltragem a
seco em diversos tecidos
270 x 135 cm
2021



A obra *Durante* (2021-21) de Bernadete Amorim é composta por desenhos costurados à mão e à máquina, cerzidos, bordados, alinhavados, junto à utilização de papéis, grafismos feitos com caneta nanquim e colagens. Obtém assim acúmulos, volumes, tramas, que enfatizam os avessos, as quebras rítmicas em desenhos que remetem a percursos interrompidos, cortes e rupturas. O manuseio com a máquina nos desenhos cerzidos deformou a planaridade das superfícies. Se antes no trabalho de Filipak nos encontramos diante de uma paisagem expressivamente matérica e ao mesmo tempo suspensa sem deixar de nos apresentar a imagem reconhecível de uma paisagem, aqui também suspensos, estes desenhos nos apresentam relevos e contra relevos reais de uma



escala mais próxima do corpo, como uma pele. Nestes desenhos vemos o plano adquirir volume a partir do aumento de sua espessura. Vemos também o trabalho de tensão e resistência dos materiais, postos em evidência na força que a linha repuxada exerce sobre a trama em descanso. Os tecidos, feitos da costura, são elaborados a partir das diversas torsões, tensionamentos e cruzamentos de linhas em prol da formação de uma trama maior e mais resistente, cuja força advém de uma nova organização da mesma matéria primeira, a linha. A instalação *Troca Tocas* (2021), feita em tecido acolchoado, impõem-se no espaço como uma grande casca, roupagem, pele, cabana estirada da qual temos acesso ao exterior e ao seu interior em sombras.



Durante (página anterior)
Instalação desenhos
Tecidos, papéis, nanquim, fios,
linhas e agulhas
3 x 3 m
2020/21

Troca Tocas
Escultura
Tecido acolchoado
327 x 128 cm
2021

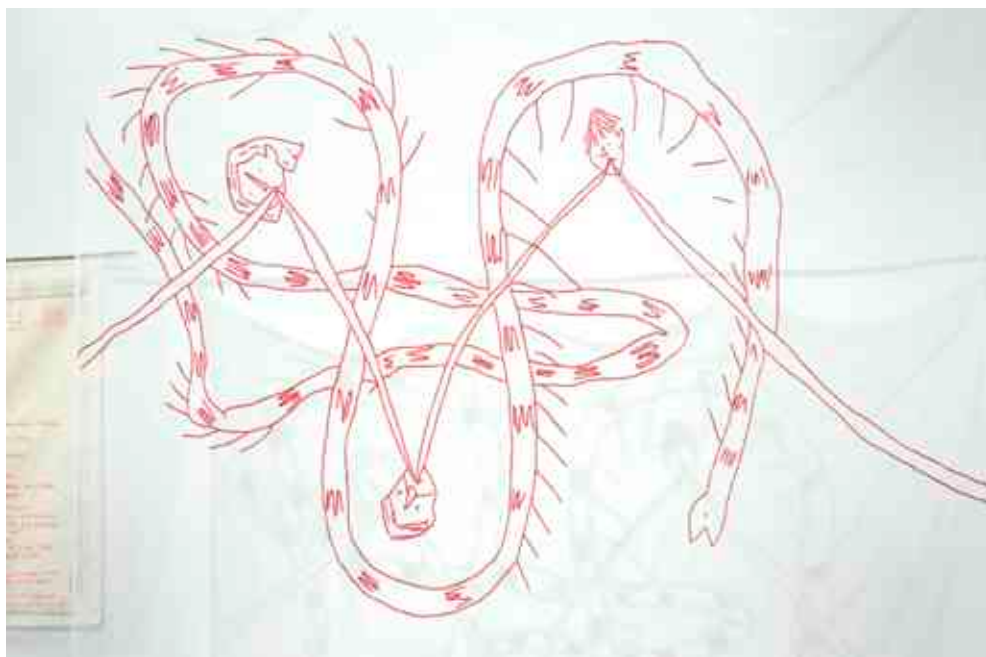
Da casca à toca estamos a alguns passos de distância. Desfazer os novelos como um gesto de desatenção. Seria a retomada dos gestos de Penélope, ao destecer de noite seu vestido tecido de dia, para prolongar o tempo de espera? O que fazer com esta matéria desconfigurada? Reconfigurar os emaranhados em novas tramas costurando e recosturando com linhas orgânicas feitas à máquina, forçando-a a realizar uma tarefa inabitual. Na repetição do gesto, esperar o que escapa como abertura e caminho para o que se deseja. *O que me escapa* (2021), de Ana Beatriz Artigas, fruto de tais princípios, configura-se no espaço também como um grande manto que nos cobre. Trata-se de uma instalação imersiva na qual nos sentimos impelidos a adentrar. Encontra-se algo entre uma gruta, um telhado e uma nuvem. Em todas as possibilidades, encontramos aqui algum tipo de proteção. A casa, podemos depreender das incursões de Gaston Bachelard sobre o assunto, somos nós mesmos e uma imagem de mundo. A casa, sujeita à todas as intempéries da vida, revela sua força ao resistir a todas as forças contrárias e manter suas estruturas em pé.

E todos os espaços de nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são em nós indelévels. E é o ser precisamente que não quer apagá-los. Ele sabe por instinto que os espaços da sua solidão são constitutivos. Mesmo quando esses espaços estão para sempre riscados do presente, estranhos a todas as promessas de futuro, mesmo quando não se tem mais nenhum sótão, mesmo quando a água-furtada desapareceu, ficará para sempre o fato de termos amado um sótão, de termos vivido numa água-furtada⁵.



⁵ BACHELARD, Gaston. *Apoética do espaço*. São Paulo: Editora Abril, 1979, p. 203.

Do corpo-casa à ideia de casa-território, deparamo-nos com quatro trabalhos de autoria compartilhada entre Gustavo Caboco e Lucilene Wapichana, sua mãe. *Ela me visitou: fios da memória Wapichana* (2021); *Ela me visitou: plantando bananeira no céu* (2021); *Ela me visitou: literatura contemporânea em tecido* (2021); *Ela me visitou: queixada* (2021). “Mas por que nossa história, a indígena, continua a ser ignorada? Nossa existência desautorizada. Se um rio vai à cidade ele deixa de ser rio? Ou a cidade invadiu o rio? São as perspectivas”⁶. Para esta mostra, Gustavo Caboco dá continuidade ao projeto de realização de trabalhos com autoria compartilhada com sua mãe, Lucilene Wapichana. Imagens de um sonho bordadas em tecido. É a visita da avó de Lucilene Wapichana em sonho, transcrito em bordados sobre a leveza e transparência diáfana do *voil*. Linhas



Ela me visitou: Fios da memória Wapichana

Bordado em tecido

160 x 110 cm

Gustavo Caboco e Lucilene Wapichana

2021

Ela me visitou: Plantando bananeira no céu (página seguinte)

Bordado em tecido

120 x 160 cm

Gustavo Caboco e Lucilene Wapichana

2021

⁶ CABOCO, Gustavo In MOLOSSI, Leila Regina Alberti. *O corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação*. Curitiba: Ed. Da Autora, 2021, p. 36.

como fronteiras fictícias. Linhas de corte das histórias dos ancestrais. Linha de retomada e elaboração das narrativas das histórias do povo Wapichana. A importância e a presença da palavra falada e escrita. Ligações entre Roraima e Paraná, sonhando outras linhas e percursos possíveis e existentes. A memória evocada por este conjunto de trabalhos questiona a História. Frente à política de Estado de apagamento da população indígena (política esta que envolve as instituições culturais como um de seus braços), a necessidade de apresentar e dizer sobre o que existe, quase como um recurso tautológico. Estes trabalhos da terra deslocam o homem do centro de todas as formas de vida, recolocando-o, em sonho, em desejo, em ato, como aquilo que de fato é. Parte do todo.



Ela me visitou

Literatura indígena contemporânea em tecido
80 x 80 cm
Lucilene Wapichana
2021

Ela me visitou: queixada

Bordado e pintura
140 x 100 cm
Lucilene Wapichana e Gustavo Caboco
2021



Em partes *Descanso entre desejos e saudades é água leve em um sonho* (2021) também é fruto de um sonho. Foi assim que Leila Alberti diz ter vislumbrado um princípio do que seria o trabalho que tem autoria compartilhada com Giovana Casagrande. O trabalho é composto por uma cama antiga posicionada quase ao centro do espaço de exposição. Sobre o que seria um colchão, temos uma grande colcha com um jardim bordado com narrativas ligadas ao universo feminino. Uma grande fenda ocupa a região central da cama, um verdadeiro buraco, abertura para outro lugar. É ao redor dessa fenda, que a narrativa em bordado é elaborada. A cama não toca o chão, mas é sustentada por cerâmicas encapsuladas por crochê. Matéria fria envolvida, embalada. Um amontoado de ossos, talvez? A cama é o lugar do descanso, do sono, do sonho, do sexo, da morte. A matéria pesada da madeira, feita cama, sustentada pela frágil cerâmica, parece-nos a representação do sonho-pesadelo materializada em/sobre seu lugar favorável.



**Descanso entre desejos
e saudades é água leve
em um sonho**

*Cama antiga, porcelanas
encapsuladas pelo
crochê, espuma,
bordado sobre tecido com
fios e lãs, fibra e renda
200 x 140 x 120 cm
2020/2021*





Na produção de Claudia Lara, frequentemente a costura participa como elemento e recurso gregário. A linha como fio condutor alinhava as memórias da artista como mulher negra. A costura reagrupa partes antes dispersas. Lara, aborda junto às discussões sobre a memória feminina, também a ideia e possibilidade da cura. Volta-se, portanto, à imagem de suas três avós Gérbera, Physalis e Suculentas, que para a artista foram seus primeiros jardins. No trabalho *Códigos das Agulhas* (2021) vemos representadas em bordado sobre papel suas três avós em pé, diante delas, reconhecemos a representação da própria artista no colo de sua mãe. O encontro, até então realizado no espaço físico da exposição, pode, por meio da arte e do desejo, se dar também entre gerações, entre vivos e mortos. *Cura Ancestral* (2021) é uma instalação imponente na qual uma cadeira de balanço se encontra elevada acima da altura de nossas cabeças. Quem ali se encontrar, nos olha junto a uma visão panorâmica da situação. A cadeira encontra-se sobre um jardim bordado de retalhos, o jardim da cura. Os dois trabalhos se complementam. No exercício de reunião, por meio dos bordados da artista, temos a representação da mulher idosa, cujo lugar de sabedoria é assegurado no assento elevado. Imagem da posição daqueles que já muito viveram e conhecem os caminhos.

Códigos das Agulhas
*Bordado sobre papel em
peanha de madeira*
46 x 23 x 5 cm
2021

Cura Ancestral (página seguinte)
Instalação
300 x 100 x 100 cm
2021





O trabalho *Amostra Social LGBTQIAP+* (2021), de Luan Valloto é composto por um conjunto de esculturas têxteis, individualmente denominadas: *torso gay*, *perna pan*, *perna queer*, *braço bi*, *braço trans*, feitos em fios de lã, fios e linhas. Valloto opta por utilizar como material, uma lã estruturada que o possibilite modelar parte de corpos de várias pessoas da comunidade LGBTQIAP+, “justamente para trazer estes corpos para diálogo”⁷. Para o enchimento destes moldes estruturados, o artista se utiliza de “travessieiros já sonhados por pessoas do grupo de artistas”. Ao mesmo tempo que Valloto coloca em diálogo esses diferentes corpos, ao nos apresentar essa amostragem da diversidade, é difícil não nos colocarmos ali também. Diante desses fragmentos, voltamos o olhar para nós mesmos como um espelho sem, contudo, distinguir o que nos separa, nos afasta da possibilidade de estar ali junto a essa amostragem. Olhamos tais fragmentos imaginando a possibilidade ou impossibilidade do nosso encaixe, ou ainda a possibilidade ou impossibilidade de ocupar também ali, com um fragmento nosso. Mas afinal, o que há de diferente neste molde de perna, que a destaca das demais, da minha? Acredito que esta pergunta deva permanecer ressoando. Pois assim, flutuando no espaço, sem um corpo que as complete, só acessamos informações sobre sua matriz, origem destas formas, em um segundo instante de impacto.



Amostra Social LGBTQIAP+

Tecido de lã, fios e linhas, enchimento de travessieiros usados

Esculturas Têxteis: torso gay (97 x 81 x 26cm)

perna pan (80 x 42 x 40cm) perna queer (74 x 33 x 20cm)

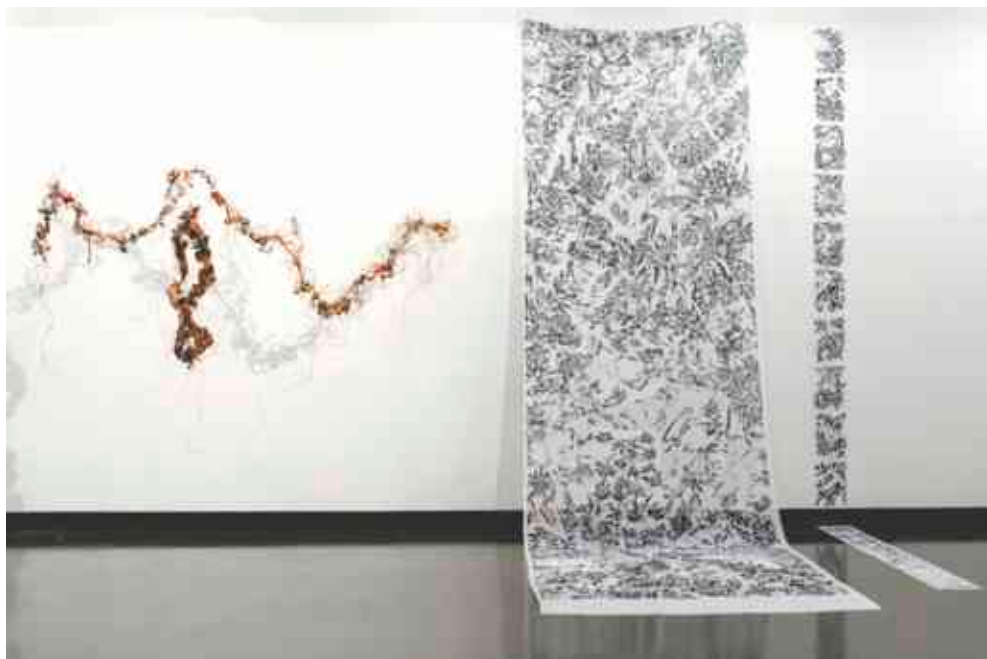
braço bi (90 x 53 x 13cm) braço trans (82 x 36 x 13cm)

2021

⁷ Frase do artista extraída do vídeo Luan Valloto – *O corpo na linha de borda*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=llmoYfjFk0s&t=3s> acessado em 19/05/2022.



Se aceitarmos como uma possibilidade de aproximação destes trabalhos, a tentativa de nos envolvermos com os processos que lhes deram origem, não somente teremos que, diante deles, imaginá-los sendo feitos, como também, perceber que muitas vezes diante de uma obra de arte, um tipo de trabalho continua exercendo efeito sobre nós, como uma ação constante que o mantém ainda em atividade. É uma característica muito forte da linguagem do desenho que nele se mantenha seu aspecto autográfico, de modo que, ao lidarmos com ele, possamos perceber sua ossatura ainda evidente. Nas marcas, como rastros dos gestos do artista, por vezes podemos encontrar pistas de um percurso realizado. Esses instantes vividos, ali gravados, podem então, de algum modo, ser revividos por nós, criando um elo entre o observador, o desenho e o artista em seus instantes de labor. O trabalho *Noturnos* (2021), de Luciá Consalter, é um exemplo desta situação de partilha. Durante o período de produção dos trabalhos para a exposição, a artista produziu cerca de 200 desenhos. Este é inegavelmente um número expressivo que deixa claro longas jornadas dedicadas ao trabalho. Este tempo e esforço são pontos importantes para nos aproximarmos destas estampas em tecido e desenhos sobre papel que configuram uma instalação ocupando a região mais alta da parede do espaço expositivo, descendo e dobrando-se para continuar como um derramamento sobre o chão. Reconhecemos as figuras de flores constituindo um espaço quebrado,



Noturno
Instalação estampa em tecido e desenhos sobre papel
500 x 150 cm
2021

Colares I e II (página seguinte)
Cobre, pedras e cabelo
300 x 10 cm e diâmetro 90 cm
2020

descontínuo. Percebemos, principalmente nas estampas, estarmos diante de um processo de montagem. São desenhos realizados como exercício de solidão. Resultam, nas horas adentro tomadas pelo trabalho, de um corpo que se dobrou por meses a fio. São desenhos de alguém que ficou prostrado. Não à toa, se dobram também no espaço. Em sua horizontalidade, no chão, retomam a orientação do espaço do trabalho, a planaridade e horizontalidade da mesa, que encontra aqui seu eco com a horizontalidade do chão. Nas palavras de Consalter: “Bordar, desbordar em preto e branco com a caneta nanquim – uma forma de se desvencilhar da dor -, entrelaçar fios negros e preencher espaços aparentemente vazios”⁸.

Os espaços de reentrâncias presentes no plano gráfico ganham tridimensionalidade em *Colares I e II* (2020), feitos em cobre, pedras e cabelo, estes colares agigantados, mantêm em suas formas sinuosas, curvaturas muito corpóreas, orgânicas. Os materiais que constituem tais colares são fortemente simbólicos e corpóreos. São formas independentes no espaço, mas na possibilidade de imaginarmos vestidos em nós, teríamos por fim, um adorno feito em parte da matéria do próprio corpo, como se chumaços de cabelo recolhidos fossem adensados com a matéria condutiva do cobre, junto à força e à influência espiritual das pedras.



⁸ CONSALTER, Lucíá In MOLOSSI, Leila Regina Alberti. *O corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação*. Curitiba: Ed. Da Autora, 2021, p. 48.

A presença da linha, mais uma vez como elemento gregário, é um aspecto muito forte nos trabalhos que Rafael Codognoto. A linha ou o fio trabalha como elemento que liga partes desconexas. O artista elabora, a partir de uma coleção de objetos encontrados trabalhando no exercício de aproximação de materiais muito heterogêneos como o verso de bastidores de serigrafia, troféus, ganchos de ferro e molas de colchão. De modo muito contundente, o sentimento de um incômodo perpassa os três trabalhos, *Ex-votos manuais* (2020-21), *Portal 20.02.2020* (2020) e *Serpentes Mentais* (2021). Codognoto se considera um artista coletor. Ao recordar sua infância, reconhece uma possível origem dos estímulos que se mantém ainda presentes em seus interesses, pelo que chama sua atenção no mundo.

Ex-votos manuais

Assemblage

Conjunto de trabalhos para o chão ocupando 2,00 x 2,00 m

são 20 objetos com dimensões variáveis

(bases de 9 x 9 cm a 21 x 21 cm) / (alturas de 66 cm a 95 cm)

(20 suportes de madeira com base 25 x 30 cm e altura de 25 cm a 36 cm)

Materiais: reaproveitamento de troféus, camisas de linho e madeira

2021



Portal 20/02/2020

Assemblage

Conjunto de trabalhos para parede ocupando 2,58 x 2,18 m no total

são 14 trabalhos emoldurados com as medidas 0,57 x 0,47 m

Materiais: diversos

2021



Onde começam os processos artísticos: Acredito que os meus foram na infância: meu pai era motorista de um caminhão de lixo e trazia muitos pedaços de brinquedos que eram como quebra-cabeças para criar e transformar. Ele mesmo dava exemplos de como, por exemplo, fazer furinhos num balde partido para costurar com arame. Sempre me encantou trabalhar com materiais pouco reconhecidos como artísticos"⁹.

A marca biográfica que os objetos carregam quando deslocados do seu contexto específico, passa a habitar um estranho lugar, um lugar de difícil designação. Uma camiseta usada já não é mais somente um tecido, mas passa a integrar na história de sua existência as marcas do contato do corpo no uso, da presença nos mais distintos momentos da vida de alguém. Toda essa carga simbólica se mantém, como uma presença sem nome, nos objetos usados. Ao lidarmos com eles, reconhecemos um passado, ainda que desconhecido, ainda que escape a nós. A circulação dos signos e também a circulação e alteração nos ritmos da vida útil das coisas aqui liga-se à circulação de um artista caminhante e colecionador. No contexto da pandemia da Covid-19, Codognoto não ignora o risco de contaminação potencial presente nos objetos encontrados. Mistura-se aqui o receio do risco ao desejo do cuidado. Ao lidar com a latente carga simbólica que tais objetos já possuem, diante do silêncio destas presenças, o artista busca elaborar novas narrativas, tecer aproximações, revisões e adaptações, como a possibilidade de uma sobrevida ao que já existe e que por algum motivo fora descartado.



Fig. 2. William Blake. *For Children. The Gates of Paradise*, Plate 12, "Help! Help!". Etching print and line engraving on cream-colored paper (Etching and line engraving on moderately thick, slightly textured, cream wove paper), 14 x 11,4 cm, 1793. Yale Center for British Art

⁹ CODOGNOTO, Rafael In MOLOSSI, Leila Regina Alberti. *O corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação*. Curitiba: Ed. Da Autora, 2021, p. 56.

Dos velhos troféus encapsulados por retalhos de tecidos de camisas e casacos, reconhecemos, semelhantes a ex-votos, a forma de vinte mãos abertas que se voltam para o alto. O tecido dá forma às mãos, ao mesmo tempo que, faz pensarmos em luvas, nesta segunda pele de proteção e distanciamento do toque. Sua posição rebaixada, sobre pequenas mesas, confere ao conjunto a sensação de mãos, ainda que voltadas para cima, na altura possível do nosso toque, estarem todas afundando. O sentimento de incômodo permanece no terceiro trabalho intitulado Serpentes Mentais (2021). Se na obra Desejos e Saudades de Leila Alberti e Giovana Casagrande, nos deparamos com a dúvida de estarmos diante de uma situação entre o sonho e o pesadelo, aqui não há espaço para hesitação. Como o esqueleto de um colchão de molas suspenso por pesados e violentos ganchos de aço, somos confrontados por sua verticalidade, resultado da suspensão, com uma cama incômoda. Entremeadas às molas encontram-se um emaranhado composto por tecidos variados, toalhas de crochê e fibras, que provavelmente são a forma física das denominadas serpentes mentais. Estas formas serpenteando não deixam de parecer também, em sua relação com as molas do colchão inexistente, com vísceras postas à vista.

Serpentes Mentais

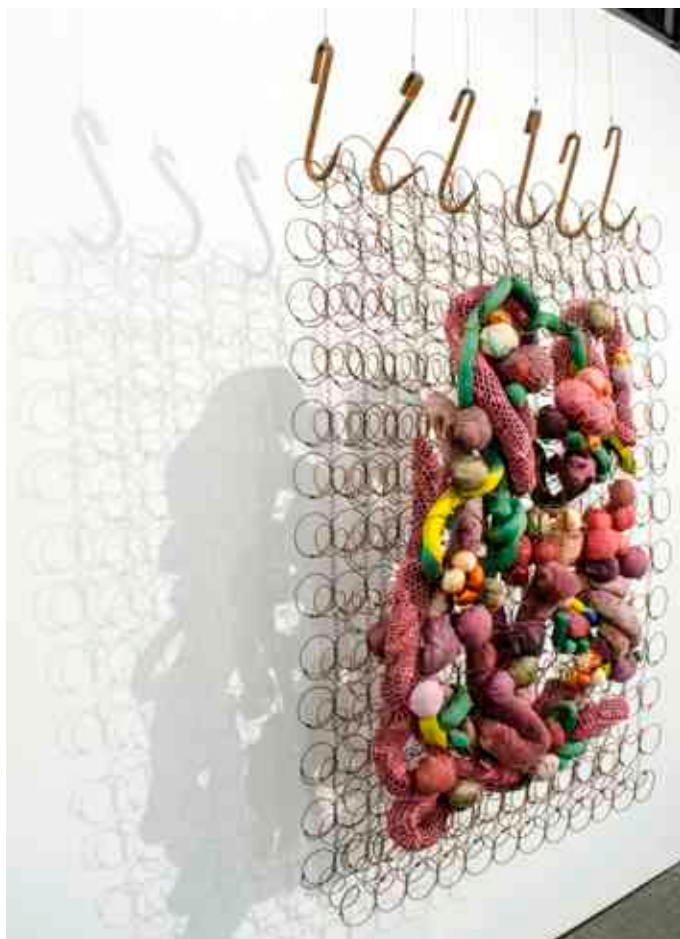
Assemblage

Trabalho para parede medindo

0,93 x 1,36 x 0,25 m

Materiais: diversos

2021



Um espaço diferenciado é demarcado em nossa experiência de percurso no espaço da exposição. Na região mais ao fundo, somos convidados a adentrar a intimidade de uma espécie de quarto. A obra *Corpo apropriado* (2021), de Marília Diaz é composta por vestidos bordados postos em cabides e suspensos no espaço. Apesar da suspensão que confere ao conjunto uma sensação de leveza, há o peso de uma fantasmagoria que ronda todas as peças, estruturadas de modo que imaginemos estarem ainda habitadas. O vermelho-sangue se faz presente nos fios dos bordados, nas pétalas visíveis através dos tecidos transparentes, nas chaves dos segredos guardados, nas vísceras à mostra caídas e deixadas no chão. Percebemos neste trabalho o teor de uma contestação. Ao fundo, dentro do guarda-roupas, este lugar dos guardados, encontra-se um vestido de noiva que nos confronta. Dentro do vestido, bolsos já carregados do amanhã. A



abertura do vestido, na altura do sexo, escancara, dá-nos a ver bolsos carregados de utensílios próprios do uso no trabalho doméstico. A atenção no manejo dos frágeis materiais, nos textos bordados, todo esse cuidado se aproxima acidamente de um incômodo relacionado às atribuições culturais impostas sobre a mulher como mãe, esposa e dona-de-casa. Os vestidos recebidos de sete amigas, o guarda-roupas, a gaveta aberta, os cabides, não nos levam a imaginar o elemento têxtil como aconchego e proteção, mas aqui, como uma segunda pele exposta à violência ainda que se encontrem no interior do ambiente doméstico. Quando a casa deixa de ser abrigo. “Estes fazeres não começam aqui. Iniciam no DNA das minhas mulheres. Bisavós, avós, mães... Na benzedeira e sua ladainha. O que eu costuro? Osso quebrado, carne rasgada, nervo torcido”¹⁰.

Corpo Apropriado

Instalação com têxteis

vestidos bordados, feltragem, colagem, revestimento

20 m²

2019 a 2021



¹⁰ DIAZ, Marília In MOLOSSI, Leila Regina Alberti. *O corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação*. Curitiba: Ed. Da Autora, 2021, p. 52.

Certa vez, ao encontrar no chão um papel de bala esverdeado e ter pensado haver encontrado uma joia, uma esmeralda, Efigênia Rolim ouviu uma voz interna a lhe dizer que o que havia encontrado era, na verdade, maior que uma joia, pois a esmeralda seria consumida pela lógica do uso, enquanto a artista era convocada a dar “vida à um mísero caído que perdeu o recheio e perambula pela rua”¹¹. Somos provocados a pensar, se até então os materiais encontrados foram abordados como objetos que um dia estiveram ligados à história de vida de alguém, há na fala de Rolim, uma virada revolucionária. Os próprios objetos encontrados parecem ser tratados como pessoas que vivem em situação de rua. Seu olhar se volta para qualquer ser ou coisa em situação desfavorecida. A artista, poetisa, contadora de histórias, estilista e educadora com claras preocupações ambientais, ecológicas, manifesta aqui, uma declaração sobre os limites da lógica de descarte impregnada nos nossos modos de vida em sociedade. Rolim, que hoje vive no litoral de Santa Catarina, viveu por muitos anos a caminhar pelas ruas da cidade de Curitiba, coletando,




¹¹ Efigênia Rolim, *a Rainha do Papel*. Entrevista concedida ao Canal Futura. Disponível em: <<Conheça Efigenia, a Rainha do Papel - YouTube>>. Acessado em 21/05/2022

agrupando e reagrupando, montando e remontando, recriando o mundo a partir daquilo que fora desprezado, deixado na sarjeta.

A obra *A professora* (2020), uma escultura em tecidos, fibra, fitas, papéis e ferro, linho e fios de algodão encontra-se ao fim da exposição, como se estivesse a assistir a todos que chegam, e a tudo o que se passa no espaço. Rolim constrói diversas roupas com materiais reciclados, com as quais ela mesma se veste. Constrói também brinquedos com os materiais de descarte. O que vemos aqui é uma boneca de uma mulher em pé. Sobre sua cabeça, sobrevoam seres como sonhos ou a encarnação de vozes. Pesa sobre ela o nome que carrega. Peço licença para pensar este trabalho, no contexto desta exposição, das propostas da obra da artista, bem como, no contexto histórico em que *O Corpo na linha de borda: espaço compartilhado de criação* se insere, como um possível autorretrato da artista e, ao mesmo tempo, um ato, uma lição.



A Professora
Instalação com bonecos
em papel de bala,
tecidos, fitas, rendas,
botões argolas e ferro
80 x 110 x 210
2020



A borda pode ser compreendida como limite, fronteira, mas também como limiar, membrana sensível de contato, território de demarcações indiscerníveis, incertas. A fronteira pode ser tanto a linha divisória entre territórios, como a região próxima a essa divisa. A palavra fronteira, remete ao perigo, à interdição. *Do não me toque!*, caminhamos rumo ao *não me atravesse!* Já a borda sugere um ar convidativo, menos hostil. O dicionário nos apresenta duas possíveis significações. No sentido figurado, o limiar pode ser compreendido como sinônimo de entrada, início, começo: limiar do Século XXI. Já no sentido fisiológico, o limiar é “o menor estímulo capaz de suscitar uma sensação”¹².

Quão sensível ao toque pode ser a pele, maior e mais exposto órgão do corpo humano! Nos desejos de retorno à terra e da retomada da consciência de um sentido de unidade, a pele porosa, a membrana entre o eu e o outro, entre o eu e o mundo, podem ter suas dimensões e alcances maleáveis. Seus sentidos e imagens mantêm a ideia de uma plasticidade. Os limites de algo, frequentemente auxiliam no trabalho de sua definição. Para além dos seus próprios limites, uma coisa começa deixar de ser o que é para tornar-se outra. Atravessar ou ampliar os limites implica colocar em crise ideias de identidade, que servem muitas vezes a manter sob proteção, discursos de poder que legitimam violências das mais diversas ordens, com as quais sempre sofrem em maior grau os mais desfavorecidos. A constante consciência da fragilidade do corpo, da fragilidade da vida e a necessidade do resguardo que atravessam a presente exposição nos oferecem uma pluralidade de perspectivas sobre concepções de corpo e de casa. Impregnados um no outro, as ideias de proteção se espalhando nas práticas de cada um dos artistas realizando o movimento do encontro, do pensamento coletivo ao retorno para o espaço íntimo e individual, para o retorno ansioso ao espaço compartilhado de criação. Casa. Ateliê. Museu. Cadernos de artista que em suas dobras, seu verso e anverso, sempre guardaram a uma só vez (e sempre) seu parentesco com o espaço doméstico, com o pensamento arquitetônico e com ideias de corpo, pele, carne, segredo, revelação, promessa do toque e de proximidade.

Ao final de uma visita guiada que aconteceu no dia 19 de fevereiro de 2022, a artista Claudia Lara encerra sua fala com uma pergunta contundente: “Quais formas as obras de arte podem assumir quando as estruturas caem por terra?”. Essas estruturas são todas as forças de contenção que buscam governar e subjugar os nossos desejos. O corpo espacializado, se esgueira, se estira, se contorce, se desvencilha, se encolhe, se estica para alcançar um patamar superior, se esparrama, escapa, se reagrupa. A zona limiar entre o peso corporal e a presença marcante dos trabalhos no espaço, ao mesmo tempo atravessada pela ideia de suspensão e leveza, nos mostra a força desta maleabilidade, fazendo-se presença-ausência. Contradição. Contraponto.

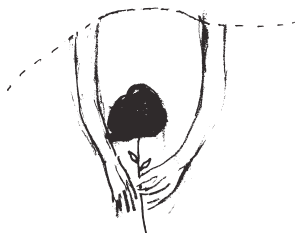
Emanuel Monteiro

Artista e professor do departamento de Arte
da Universidade Federal do Paraná
Curitiba - Outono de 2022

¹² Ver: <<<https://aulete.com.br/limiar>>> Acessado em 21/05/2022



- REFERÊNCIAS -



SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. 5ª edição revista e ampliada - São Paulo: Intermeios, 2011

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis, Vozes, 1978

FORTUNA, Marlene. A crítica genética sob a ótica do artista. Em Manuscrita: revista de crítica genética 5, São Paulo, 1995.

SALLES, Cecília Almeida. Arquivos de Criação: arte e curadoria. Vinhedo, Horizonte, 2010

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico: as heterotopias. Edições, São Paulo, 2013

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HARARI Yuval. Sapiens. Uma breve história da humanidade. L&PM Editora, 2015

ROCHA, Maria Clara Martins. Caderno de artista: um meio de reflexão. Arte educadora do Instituto Inhotim, Brumadinho / MG. 2010

BIRNBAUM, Daniel. When attitude become form: Daniel Birnbaum on Harald Szeemann. ArtForum. 2005

READ, Herbert. Arte e alienação: o papel do artista na sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

www.bienal.org.br/post/360

www.scielo.br/scieleo.php?pid=S1678-53202011000200008&script=sci_arttext

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Molossi, Leila Regina Alberti

O corpo na linha de borda : espaço compartilhado
de criação / Leila Regina Alberti Molossi. --
Curitiba, PR : Ed. da Autora, 2021.

ISBN 978-65-00-33057-1

1. Artes gráficas 2. Artes visuais - Exposições -
Catálogos I. Título.

21-86518

CDD - 700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Catálogos de exposições 700.74

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB - 1/3129

- FICHA TÉCNICA -

Argumento narrativo **Leila Alberti**

Texto principal **Celaine Refosco**

Revisão de textos **Michele Muller**

Textos individuais

Ana Beatriz Artigas

Bernadete Amorim

Claudia Lara

Efigênia Rolim

Giovana Casagrande

Gustavo Caboco

Leila Alberti

Luan Valloto

Luciá Consalter

Marília Diaz

Rafael Codognoto

Verônica Filipak



Coordenação do projeto

Claudia Lara

Giovana Casagrande

Leila Alberti

Marketing cultural

Mônica Drummond

Fotografias

Acervo dos Artistas

Fotografias da exposição

Shiguelo Murakami

Projeto gráfico

Adriana Alegria Design

Impressão

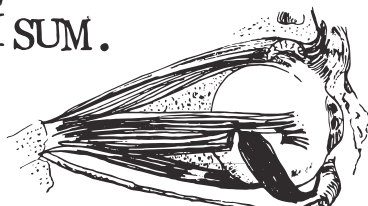
Gráfica Capital

Curadoria expositiva

Leila Alberti

Fevereiro 2020/Dezembro 2021

VI SUM.



Marketing cultural



Incentivo

OPUSMÚLTIPLA
ideias que funcionam



CURITIBA

Projeto realizado com recursos do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura –
Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba

RETORNO

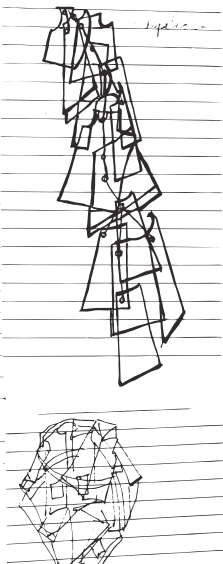


Seu corpo
sua voz
seus pensamentos
o corpo e a
mente
livres.

a veste como construtor
 das do não vestir,
 não vestir...
 reunir ventos o corpo e
 o uso.

a poluição do un-
 verso, do contrário.
 roupas espelhas
 corpos espelhas
 cortes de espelhos
 abertos de moléculas de
 roupas:

calças abas
 polidos cigos
 saias lasas
 coltes pugas
 camisas gravatas
 mangas ollas
 punhos duros
 pontos de roupas
 resacas unidos...
 fusões, desfeitos



fio que permite a
 ligação com a terra,
 sensação de liberdade,
 liberdade, corte,
 degolamento, cavil
 privação (período penur-
 mico)

MATERIAL CORTANTE



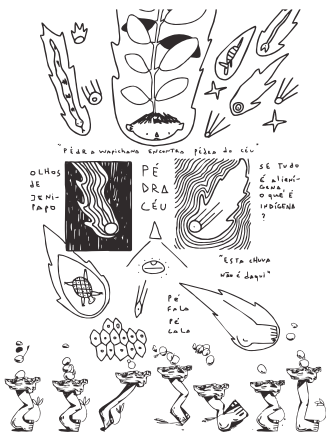
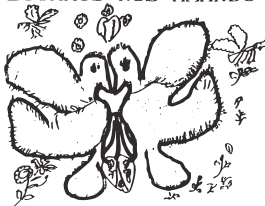
ADAGAR



coração na
 garganta
 que os olhos
 não vêem o
 coração não sente



BEIJAR VOANDO
 ESTAMOS NOS AMANDO



VI SUM.



SAIJA DO ARMA
 SAIA DO ARMA
 SAIA DO ARMA
 SAIA DO ARMA